

EZEQUIEL WANDERLEY

BALÕES DE ENSAIO



NATAL

8
24/16

WR 69
45

EZEQUIEL WANDERLEY
DO
CENTRO POLYMATHICO



Balões de Ensaio



RIO GRANDE DO NORTE
1919

TYP. COMMERCIAL — J. PINTO & C. — NATAL

INDICE

BALÕES DE ENSAIO

	Pag.		Pag.
Saudando a Patria	11	12 de junho	73
Mais um anniversario	13	Carta aberta	75
Alvoradas	16	Um socialista.	79
O Carlos	19	A Terra dos gerimús.	82
Coração maguado	21	De relance.	85
Apollonia Pinto.	24	Palestrando	88
Lettras amigas	26	Pela ribalta	93
1º de Julho	28	A festa de hontem	95
Auta de Souza	30	7 de setembro	97
Uma rectificação	33	A Liga do Ensino	99
Em nosso posto	37	Nysia Floresta	101
O dia d'A REPUBLICA.	39	Chroniqueta	103
O Jornal	41	Carta sem porte	106
Goyaninha.	43	Lucilia Peres	112
Antonio Marinho	46	Um busto	114
Branca do Ceu	48	Carta de moça	116
Scismas.	51	A esmo.	121
Pela instrução	56	Germen.	123
João Maria	58	Um beneficio.	129
Silveira Carvalho	61	Um levita do bem.	131
Romancismo	64	Notas de viagem	133
Bastidores.	66	Discurso em frente de um tumulo	153
Pedro Velho	69	Discurso de recepção.	157
Gothardo Netto.	71		







Palavras... palavras... tudo palavras...

SHAKSPEARE

** Não ha um trabalho de arte, por mais modesto, um livro, qualquer que seja o seu valor, que não represente uma somma enorme de energias, de entusiasmos, de alternativas de coragem e de quebranto, de esforço paciente e amargurado.*

BALÕES DE ENSAIO

LEITOR:

Ahi tendes o meu livro.

Folheae-o.

Não peço para elle os vossos louvores, mas para elle supplico a vossa benevolencia.

Dareis, assim, um vislumbre de vossa generosidade á desvalia dos meus escriptos.

Sêde cavalheiro.

Não o recuseis.

Ao seu encontro irão os meus melhores agradecimentos.

A fragilidade desses *Balões de Ensaio* não resiste ás correntes tempestuosas da critica.

O desastre será inevitavel.

Sou o primeiro a confessar.

Não sejaes o ultimo a acreditar-me.

Digo o que penso, sem enfeites de modestia.

Sinto o que digo, sem remates de hypocrisia.

Que, ao menos, á minha franqueza corresponda a vossa clemencia.

Ficarei, desse modo, pago do meu esforço e satisfeito de minha audacia.

O que recommenda estas paginas — umas velhas, outras remodeladas — é o relevo de uma brochura nova.

Nisso, e só nisso, consiste o seu merito, muito problematico, pouco incisivo e nada invejavel.

E. W.





Saudando a Patria

Grande, forte e soberana Patria Brasileira!

Os espiritos progressistas, as almas de escol, os corações não adormecidos ainda pelo frio da indiferença, rememoram cheios de amor, de entusiasmo cheios, esse formoso movimento patriótico que te impelliu ás mais arrojadas conquistas da Liberdade, do Direito e da Justiça.

Liberdade, que é o aneio dos opprimidos

Direito, que é a força dos fracos.

Justiça, que é o premio dos innocentes e o aguilhão dos revoltados.

Com o baquear de um throno, com o desaparecer de uma realeza, expurgados de teu seio, por isso mesmo que se haviam incompatibilizado com as tuas aspirações, com as aspirações de teu povo, acceleraste os passos de gigante Sul-Americano a caminho do logar de honra que a formidavel capacidade diplomatica de RIO BRANCO deveria rasgar, mais tarde, para realce maior dos teus erguidos destinos.

Fanaticos de tua liberdade, sedentos de tua gloria; liberdade que é o ideal supremo dos que trabalham; gloria que é o supremo ideal dos que progredem, nós, bohemios da Civilisação, pelos labios de crystal das taças lourejantes, saudamos a opulencia de tuas florestas virgens; saudamos a grandeza de teus mares ululantes; saudamos as fontes radiosas de

tuas riquezas invejáveis, teu Exercito glorioso, tua gloriosa Armada; saudamos, finalmente, a repercussão, lá fóra, do teu nome esplendente de louros, nimbado de estrellas.

E' que nós somos idolatras dos teus maiores homens e das tuas melhores coisas, grande, forte e soberana Pátria Brasileira!



Mais um anniversario

O generoso acolhimento dispensado a *A Tribuna*, no inicio de sua nova phase de publicação mensal, anima-nos, sobremodo, á finalidade dos prelios da intelligencia em que tanto nos temos empenhado.

Ha palavras que confortam, estimulos que envaidecem, considerações que orgulham.

Bem felizes nos sentimos, ao ver que pelejamos alentados pelo festivo rumor das sympathias publicas.

Tanto nos basta para destruir obstaculos e soterrar embaraços, esborcinando a volumosa corrente dos preconceitos estultos que tente oppôr resistencia aos bons propositos que nos animam.

A conquista dessa luz que ha trabalhado o evoluer do espirito humano vae forrando de novas energias a nossá vontade.

Bem haja o altruismo dos que se não deixam vencer pela indiferença e pela inercia.

Como a celebre sentinella de Pompeia, deixando-se reduzir a cinzas, no cumprimento de um dever indeclinavel, assim nós, os d'*A Tribuna*, sem tibiezas amofinantes nem desfallecimentos pusilanimos, enfrentaremos a inexorabilidade da critica severa e justa, trivial ou descortez.

Calmos e imperturbaveis, aqui estamos em nosso posto de honra, hoje, como hontem, e amanhã, como hoje.

Entretanto, para desviarmos suspeitas cavillosas e presagios deprimentes, valemo-nos de uma consoladora verdade que nos orgulha proferir:

—Em todo o decurso de nossa modesta vida

jornalística, jamais humilhámos a penna ao serviço inglorio das paixões dolosas.

Não phantasiámos.

Mercê de Deus, não nos seduzem possibilidades de interesse inconfessavel — polvo sorrateiro a que, vulneraveis Moraes, se deixam arrastar os transviados pela deliquescencia das idéas ou apodrecidos pelo mercantilismo dos conceitos.

Não nos eximimos, porém, de castigar com o desprezo e confundir com o perdão, os que, industriosamente, de lunetas escuras, ousam enxergar nos gabos desta revista á illustres e illustrados patricios, intuitos subalternos, deslises de sinceridade, acastellados na jactancia de adjectivos alvoroçantes ou phrases louvaminheiras.

Para gaudio dos nescios e intrujice dos cretinos, é assim que se vão manifestando os enfatuados zangões da critica pejorativa.

Nem por isso deixam de vomitar, á poeira das esquinas, a chocarrice dos histriões, denunciante de uma psychologia dissolvente e perigosa.

Parece de rigoroso opportunismo a phrase, já consagrada, de consagrado escriptor ultramarino: *Il n'existe aucun moyen de vivre sans nuire.*

Tranquillizem-se os nossos malsinadores.

Não se criam virtudes.

Não se inventam meritos.

Estará, porventura, reservada essa hypothese aos Tantalos de renome, mal disfarçados em arlequins de celebridade?

Talvez...

Seja como for, não recusaremos nossa homenagem, simples, mas sincera; modesta, mas expressiva, onde quer que possamos ver — o talento servindo a virtude e a justiça premiando a razão.

A colera dos fanfarrões não nos fará palmilhar as urzes e as ravinas que pontilham, ás vezes, o fatigante caminho da imprensa regional.

Evitaremos, quanto possivel, enveredar pelos meandros de contendidas estereis onde, quasi sempre, maguadas as sensibilidades, ha investidas de alarma e golpes de protervia.

Temos, de ha muito, o espirito assignalado por essas amargas desillusões...

Os louros virentes das victorias inquietantes não nos farão arredar do bom caminho.

Seria despresarmos o brilho da luz, serena e suave, que envolve o cyclo existencial de nossa revista.

São estas as palavras com que, libertos de prevenções e despídos de vaidade, festejamos o dia de nosso apparecimento no seio do jornalismo indigena.



ALVORADAS

Devo á captivante gentileza de um talentoso confrade, assiduo companheiro dos labores da imprensa diaria, a leitura do *Alvoradas*, pequeno livro de versos, recentemente publicado na cidade de Mossoró, neste Estado.

É seu auctor o sr. Cicero Moura, nosso juvenil patricio e um dos arrojados gladiadores dessa interessante agremiação litteraria que, ha longos annos, inscreveu na sua flammula, como um sentimento de recordação e de estimulo, essa phrase de Peletan, entusiasta e consoladora:

— *Le monde marche!*

Fazendo-se estrear no constellado parque das apollineas musas, quem nos dirá que o sr. Cicero Moura afaste do lamentavel silencio poetico, em que permanecem, os nossos mais primorosos escultores da palavra rimada?

Que fazem actualmente H. Castriciano, Segundo Wanderley, Gothardo Netto, Ferreira Itajubá, Francisco Palma, e tantos outros?

Nada!...

O indifferentismo systematico e pernicioso do *meio*, ao que parece, vae desgraçadamente enturbando o espirito desses paladinos da Arte, «nervosos e fortes, vibrantes e masculos», que sabem amar, cantar e soffrer, dentro da suave harmonia de suas estrophes.

Valha-nos, ao menos, a bôa nova que, agora mesmo, se nos transmite do proximo apparecimento do *Esmaltes*, da lavra do elegante poeta Uldarico Cavalcante.

Passemos ao *Alvoradas*.

A feição material desse singelo livrinho que a gente abre encontrando logo o retrato de seu auctor, em pleno viço de mocidade, muito recommenda o *atelier* graphico do sr. João da Escossia, innegavelmente um famoso artista provinciano.

Abrindo, ao acaso, o *Alvoradas*, como, ao acaso, costumamos abrir os volumes desse feitio romantico, onde transparece a nebulosa dos sonhos e o estelario das illusões, se nos deparam esses quatorze versos a transbordar o vago sentimentalismo em que, de quando em vez, se queda a alma florescente do poeta :

Crepusculo

... E o dia foge, vagaroso e lento,
E a noite lenta e vagarosa desce...
Passa o sussurro lugubre do vento,
E o murmúrio languido da prece.

Dentro do meu escuro isolamento
Um turbilhão de sonhos adormece ...
E, fugindo a esperança, de momento,
Cada vez mais, meu desespero cresce.

Horas de acerbas agonias é esta,
Pois até quem se entrega ao vicio, ao goso,
E traz o coração cantando, em festa,

Cede á potente lei da Natureza,
E vê passar o espirito, saudoso,
Pelas sombrias plagas da tristeza.

Vamos encontra-lo ainda esfolhando esses ramilhetes de amor no cofre azul dos seus pronubos sonhares :

A penna de ouro

A penna de ouro que me deste para,
Com todo o garbo, delinear um poema,
Quebrei-a, flor, em procurar um thema,
Uma coisa qualquer, que fosse rara.

Por certo, has de extranhar o meu systema
Rude, que outro, talvez, não adoptára ...
Mas, não te offendas, de uma forma clara
Eu me desculpo, meu gentil diadema.

Fiz-te de neve... Descrevi-te o seio
 Como um pequeno lago, tremulante,
 Limpo de espumas, de remanso cheio ...

Dei-te no coração, de leve, um traço,
 Fi-lo mais forte... Fi-lo mais constante...
 Porém, tudo isso, com uma penna de aço.

Dispensemos a copia de mais algumas produções apreciáveis como sejam—*A galera dos sonhos*, *Nostalgia*, e *Ufana e suprema*, soneto este em que o bardo deixa resaltar a ardência carinhosa de sua paixão, enlevado na beleza da mulher amada que lhe inspirara esses dois expressivos tercetos:

E quem sou eu? Um pobre poeta louco,
 Que, tantas graças merecendo, pensa
 Ser ditoso de mais... e por tão pouco ...

E, por tão pouco, nada mais desejo:
 Ao meu anor, é grande recompensa
 Um riso, e, após um terno e longo beijo.

Não precisamos ir adiante.

O poeta não é dos mais exigentes.

Um beijo, dado ou recebido em surdina, não faz mal a ninguém. Mas só os poetas a Ronsard sabem desejar-lo, glorifica-lo, diviniza-lo.

Não quero, por mais tempo, privar os leitores de folhear as páginas do *Alvoradas*.

De bom grado, dispenso-me também de expor os senões por vezes encontrados nesse livro que é, ao mesmo tempo, um ensaio e uma promessa.

Outros, os rigoristas, que lhe façam a autópsia.

Quanto a mim, fico satisfeito em felicitar o sr. Cícero Moura pela sua estréia, animando-o, estimulando-o, encorajando-o a prosseguir no seu culto às rimas.

É necessário, porém, compulsar os grandes mestres do Parnaso, sem o que, como os grumetes da arte feita de sentimento e de harmonia, ha de ficar marcando passo, no mesmo terreno.



O CARLOS

A minha curiosidade de bohemio incorrigivel conduzira-me ao *Natal-Club*.

Sabia-o num elegante *chalet* onde, bizarro, galhardament installára a nova séde social.

Fôra empolgante o fulgor do primeiro saráu, ali realizado.

E, ainda agora, por esse motivo, cavalheiros e familias offereciam amistosas felicitações ao major Zé Pinto.

Sempre vale alguma coisa ser-se presidente daquella associação recreativa.

O bom exito da vespera constituira-se commentarios do dia.

Entrei.

As mãos irrequietas e ageis de *madame* Leopoldo arrancavam ás teclas de famoso piano Ritter a saltitante harmonia de uma *schottisch*, encanto de amaveis patricias.

Mixto de belleza e graça, é essa deliciosa *Noemia*, que Marcicano concebera num jorto de inspiração feliz.

Ainda em festas o magnifico salão do *Natal-Club*.

Pares travessos, graciosos pares, volteavam docemente, de alma embalada ao compasso cadencioso da musica.

Era assim que elles entravam para as espiraes do sonho—poesia dos que passam pela vida trauteando balladas de amor e de illusão.

Lá estava, entre pequenos enamorados de Terpsichore, o Carlos da Silva.

Conhecem-n'o?

É um interessante pimpolho de seis annos.

Já de ha mezes começára a botar as mangui-
nhas de fóra, nos rodopios magicos da dansa.

É natural que filhos de peixe saibam nadar.

Ora, todos nós sabemos quem foi e quem é o
tenente João Augusto.

Em tempos idos, na alvorada fugaz de seus ver-
des annos, andára a recitar trechos ecclesiasticos, na
lingua de Virgilio, em frente aos altares.

Dera-nos um excellente sachristão.

Hoje, porém, sobre ser propagandista infatigavel
do tiro ao alvo, defensor estrenuo da honra nacional,
militar sacudido, de porte esbelto, o João é um afa-
mado valsista do *Natal-Club*.

Sua palavra, em materia choreographica, faz-se
ali attrahente e nervosa como o rufar de tambores
marciaes.

Mas, voltemos ao Carlos, o heróe microscopico,
de gambias roliças, calcinhas curtas e—peito mal as-
sombreado—como elle risonhamente o diz, abotoado
á sua farda de patriota *mignon*.

Um gôsto a gente vê-lo dirigir-se á petizada de
seu tope, mas de sexo fragil, e, de bracinho arquea-
do, ao ouvir preludios da orchestra, convida-la ao
borboletear de uma valsa, com esta phrase original e
unica:

—É servida?...

Se o satisfazem, sae a dansar, radiante, lembran-
do uma carrapeta que os dedos de um collegial tra-
vesso fizessem girar vertiginosamente, na agilidade in-
contida de um acrobata japonéz.

Enorme, o Carlos!...

Coração maguado...

Meu amigo :

.....
.....

O dia dos mortos foi, para a tua saudade, a noite de um vivo. Noite sem piscar de estrelas, sem vislumbres de claridade, sem o renascer dessa luz, esplendente e viva, que, na indecisão de suas côres de rosa e ouro, borda a curva brumosa do horisonte longínquo e o cimo desnudo das montanhas distantes.

Pobre de ti, romeiro da tristeza, que prostraste a alma nos olhos e, na impassibilidade marmorea das estatuas, foste beijar esse piedoso farrapo de terra nativa, embebida de sol e ensopada de lágrimas.

Quando ali entraste, dentre as misericordiosas cruzes, uma só cruz misericordiosa abriu o nobre silencio dos teus labios discretos, ao ciciar, imperceptível, da prece que redime, consola, commove e conforta.

A paixão que te fôra carícia, já se te revelára tempestade.

E como não? O sentimento é vario como o destino. E o destino tem, inilludivelmente, as surpresas incontidas da volubilidade dos seus caprichos. Hoje, um sorriso—o rubi dos labios. Amanhã, uma lágrima—a perola dos olhos.

Por bem desejares maguar a tranquillidade apparente desse teu espirito, tão mal comprehendido pelos que jamais soffreram, porque nunca amaram, enches-te as mãos de rosas virentes e lírios frescos e, com

elles, cobriste o gelido sarcophago onde, ao evoluer desse dia de todos os annos, vaes erguendo a piedade christã do teu culto de amor.

É que dentro de uma singela moldura de flores agrestes, docemente doiradas á luz morrente do sol, deixaram ficar, num dia assim, de magua assim, immovel assim, o idolo da tua fé chrystallisada no teu inenarravel sonho de poeta.

Para penetrares nesse recinto sombrio de desaparecidos, repartiste a existencia, erma de illusões, vasia de esperanças, entre a amargura de duas dores— uma, de não teres podido amenisar a tortura cruel de tua doce Maria; outra, de vê-la, depois, como agora a vês, como continuarás a vê-la sempre, irremediavelmente perdida para as delicias de teu affecto.

E tu, meu desgraçado amigo, perdeste tambem as alegrias todas da mocidade, que a tua visivel tristeza de monge, em claustro, terá transformado na poeira de neve de uma velhice precoce.

Não a viste morrer.

Esconderam-n'a de tua afflicção.

Occultaram-n'a de teu desespero.

Mas se não n'a poderam ver teus olhos, em pranto, a tua lacrimosa saudade, essa, bem que a vê ainda, plena de belleza, orvalhada de graça, palpitante de frescura.

Evocaste a felicidade morta, dos dias de outr'ora, sem, ao menos, conseguires acorda-la.

Ella continúa a dormir.

Velam-n'a as flores, suas irmãs.

Talvez, assim, não mais lhe crivem o nome cantante, de mulher, phrases de espinho.

Ha somnos eternos como a maldade humana. E tu hem sabes, meu desditoso amigo, que foi a maldade a coveira anonyma de sua vida de donairoza martyr.

No entanto, coitadinha! morreu como vivera— sorrindo e perdoando.

Que bonito gesto de humildade!

Ah! se todas as mulheres, amando muito e sofrendo tanto, podessem fazer o que ella fez!

Pobre Maria!

Nesse recanto «infiltrado de mysterio, de crepus-

culo e de silencio», disseste-lhe, mais uma vez, em nome desse teu coração que todo lhe pertencera, o adeus dos que, no seio da terra, perderam na terra a serena alegria do viver.

E, de lá, voltaste, ao dobrar dolente de um sino, quando a alma dos vivos andava a gemer a saudade dos mortos.

Como eu tive pena de ti, meu desolado amigo, ao ver-te pender a fronte nublada, deante do tumulo esmaecido dessa tão nobremente santificada, na sua commovedora bondade, pela dor de suas dores!...

Ai della, que lá se foi...

Ai de ti, que ainda ficaste a redizer, talvez, as palavras de angustia da gemedora filha de Jerusalém:

— *O vos omnes qui transit per viam, attendite et videte si est dolor sicut dolor meus.*

E nem sequer lhe podeste enxugar a derradeira lagrima, sua ultima reticencia de amor...

Morreu pensando em ti.

Teu nome, como eu o percebera, foi o gorgoio final dos seus labios em febre.

Pobre Maria!...

Infeliz amigo!...

Todos os teus sonhos se despedaçaram...



Appollonia Pinto

A companhia dramatica dirigida pela festejada artista Appollonia Pinto continua a dar-nos uma serie de espectaculos variados e attrahentes.

Depois da visita que, em 1906, nos fizeram Cardoso da Motta e Clementina dos Santos, sómente agora temos occasião de hospedar artistas intelligentes e conscienciosos.

Convém notar que nos referimos exclusivamente a artistas dramaticos.

Se assim não fosse, seriam tambem merecedores de especial destaque José Vaz e J. Paulo, um par *sui generis* de famosos cançonetistas de além-mar, já muito applaudidos entre nós.

Temos assistido á representação das peças levadas á scena, ultimamente, no «Theatro Carlos Gomes.»

Podemos affirmar que Appollonia Pinto tem se mantido á altura da ruidosa fama em que trouxe, de terras distantes e cultas, emmoldurado o seu nome.

Conhecendo todos os segredos dessa arte que foi, no dizer de um chronista, o encanto de Shakespeare e a gloria de Moliére, ella faz reboar o entusiasmo da platéa, pela doçura da expressão, naturalidade dos gestos e attitude dos movimentos.

Ha muitos annos, vem trabalhando á sombra dos louros de constantes victorias, que não as tem deixado de assignalar abalisados criticos da imprensa fluminense.

Temo-la, agora, prestes a realizar a sua festa, que está para hoje, á luz da rampa.

Li, se bem me lembro, em Viveiros de Castro, que

Lettras amigas

Renato :

Pelo paquete ultimamente chegado das aguas do sul, recebi tua affectuosa e cordialissima carta.

Folgo de ver que não esqueceste o velho amigo a quem, durante o longo decurso de seis longos mezes, privaste da consoladora alegria de tuas boas lettras.

Não te parece que foste cruel para commigo ?

Mas eu perdoo o teu profundo silencio, uma vez que o justificaste com o duplicar de affazeres burocraticos e o constante patrocínio a demandas juridicas...

Felizmente, porém, hoje estás, como toda gente, um bacharel formado.

Sabedor dessa boa nova, a mim se me não offerecerá, de certo, melhor opportunidade de felicitar-te do que esta em que te sei portador de um bonito anel e de um formidavel canudo...

Peço não desvirtuares a boa intenção do vocabulo.

Trazes ao meu conhecimento estares definitivamente resolvido a emprehender a publicação de uma gazeta que, sem deliquios na vontade, trabalhará pela probidade social e politica da terra commum.

Permitte dizer-te que, antecipadamente, louvo o jornalista, mas deploro o empresario.

E sabes por que ?

Eu t'ò digo :

Em nosso paiz, o jornal que se não deixa filiar a um partido politico ; que se não emmaranha pela

espinhosa estrada das retaliações pessoasas; que não eleva o forte, abatendo o fraco; que faz de suas columnas baluartes de repulsa á pretensão de interesses sordidos, por maiores que sejam os esforços de seus dirigentes; por mais lisonjeiros que se nos afigurem, a seu respeito, os dictames da opinião publica, tende, systematicamente, a se desequilibrar, a baquear, a desaparecer.

O elemento intellectual de que, porventura, possa dispôr, não basta á garantia de sua estabilidade.

O programma que tens de traçar para o teu jornal reune em volta do seu objectivo a defesa insofismavel de todos os direitos, o estímulo, energico e desinteressado, ao desenvolvimento da industria, do commercio, da lavoura, das letras e das artes.

Muito bem!

Tudo isso é muito bonito.

Deixa, porém, falar-te, como observador obscuro, é verdade, mas inflexivel e sincero.

Manter um jornal, fole incançavel que sopra a vaidade humana, lhe irrita e lhe espalha a chamma, no dizer de Eça, longe de ser um gesto de abnegação é, muitas vezes, um assomo de imprudencia.

E, depois, dize-me cá — que poderá resultar dessa tentativa? Quaes as vantagens a obter em troco dessa banca de advocacia, inaugurada pela imprensa, em proveito dos direitos postergados, da industria, do commercio, da lavoura e, finalmente, das letras e das artes?

Não sou dos que nutrem a convicção do teu proximo triumpho, ao publicares o jornal que hoje resume uma das tuas acaloradas aspirações.

Em todo caso, diz-nos um vigoroso publicista que o genio só se pode revelar pela lucta.

Emfim, tens criterio sufficiente e intelligencia bastante para aquilatares as responsabilidades que sobre ti recahirão, ao aassumires o posto de honra reservado aos teus meritos de espirito no seio do jornalismo brasileiro.

Sê feliz, amigo, e não me esqueças de contemplar entre o numero dos que não saberão acolher desdeñosamente esse ainda projectado gladiador na luminosa arena do desterrado de Moguncia.

1º de Julho

Ennobrecida sempre, e cada vez mais, pelo valor de suas tradições, *A Republica* engalana-se hoje celebrando a festiva data de seu aparecimento.

Foi em 1889 que, semeadora das ideas democraticas, vimo-la surgir, com toda galhardia, para galhardamente batalhar pela implantação de principios outros constituídos, para logo, na aspiração irreprimivel da vontade nacional.

E com que ardor de convicções, com que prurido de bem fazer se empenhara ella nessa applaudivel e applaudida campanha, rebellando-se contra a inalterabilidade de um regimen politico anachronico, sepultado, para honra nossa, ao coruscar do sol desse glorioso dia de novembro, em que o velho Deodoro, inclito patriota, teve a suprema audacia de proclamar a Republica!

Como é bom reviver essa phase doutada de superioridade de ideas e sentimentos do senador Pedro Velho, quando, trabalhando pelo apogeu desse sonho novo, que se fez realidade, vestia das cambiantes de sua imaginação opulenta, fecunda, os primorosos conceitos com que se arrojara a enfraquecer e a demolir as holorentas e caducas instituições imperialistas!

Felizmente, porém, se não deixou de transmutar o dominio do erro.

Sentinella indormida desse movimento que teve na sonoridade da palavra encantadora do mestre inconfundivel o seu melhor impulso para o progresso e para a civilização, este jornal, sem o exaggero das paixões damnosas, deformadoras, que são, do pensar e do sentir humanos, sem se permittir transfor-

mar em ariete de invulneraveis dignidades, mantem-se ainda hoje, honra se lhe faça, inabalavel na sua crença politica, irreductivel na sua fé republicana.

Vinte annos consagrados ao serviço de seus ideaes democraticos!

Vinte annos a espargir lições de civismo que bem reflectem a elevação moral do espirito de seu fundador!

Vinte annos desfraldado em bandeira de um partido sempre coheso, victorioso sempre, já bastam a garantir-lhe, não a aura dessa popularidade ephemera e doentia, com que se vangloriam enfatuados e pseudos emissarios da opinião publica, mas essa firmeza rectilinea de civismo dos integros que, sem descerem ao desvairamento das protervias berrantes, sabem valer pelo criterio, buscam subir pela intelligencia e hão de triumphar pela cohesão, que é a invariavel e indivisivel disciplina da força.

Saudemos, assim, o dia d'*A Republica*

Auta de Souza

Passou hontem o anniversario da morte de Auta de Souza, excelsa poetisa do *Horto*.

Quantos annos já! E, ainda hoje, como nos primeiros dias, choramos, com o Rio Grande do Norte intellectual, a perda irreparavel dessa buriladora empolgante dos poemas do coração.

Ella já não existe! Vimo-la de existencia apagada, inerte, fria, indifferente, lyra de ouro emmudecida, a caminho da noite, sem estrellas, da terra mysteriosa...

E, hem por isso, sentimo-nos de coração maguado, rebentando lagrimas dos olhos, cheios de toda uma saudade que della nos fala como da rapida passagem de um meteoro.

Ai de nós, se nos não fosse dado cantar com o genial Murat, no seu glorioso poema *Sarah*:

A dor tambem não é tão impiedosa
Como parece. Ella não mata, excita,
E arrasta o genio pela luminosa
Febre, que do seu proprio ser crepita.

E' bella e universal; Byron a amava
E attribuia-lhe esse dom sublime
De ser senhora e, ao mesmo tempo, escrava,
De ser virtude e, ao mesmo tempo, crime.

Muitas vezes, com o arroio cantante de seus versos dolentes, descrevia trechos profundamente reaes das paginas da vida, banhada pelos lares da melancolia, unvida pelo orvalho da crença que lhe fôra o mais consolador dos sonhos dentro de que carinhosamente viveu o seu delicado espirito de poetisa eleita.

E, ha oito annos, numa chuvosa manhã de fevereiro, partiu-se o fio da existencia aparentemente tranquilla da *rotovia mystica das rimas*, que nos disse o adeus final, olhos volvidos para a Cruz e alma, como sempre, aberta á brancura dos amoraveis sentimentos que lhe foram resignação e conforto, hem antes das primicias dessa grande viagem para o Nunca Mais...

Pelas columnas de honra dos nossos jornaes deslisaram, sempre affectivas, maviosas sempre, as balladas de seu estro, mergulhadas numa doce tristeza de sol posto.

Relembremos a suavidade do lyrismo delicioso com que ella enfeitava, desde os mais verdes annos, as suas meigas estrophes, trasladando esses versos que lhe foram a—

Agonia do Coração

Estrellas fulgem, da noite em meio,
Lembrando cyrios loiros a arder...
E eu tenho a treva dentro do seio...
—Astros, velai-vos, que eu vou morrer!

Ao longe cantam. São almas puras
Cantando á hora do adormecer;
É o echo, triste, sobe ás alturas...
—Moças, não cantem, que eu vou morrer!

As mães embalam, no berço amigo,
Doce esperança do seu viver...
E eu vou, sosinha, para o jasigo...
—Chorai, creanças, que eu vou morrer!

Passaros tremem no ninho santo,
Pedindo a graça do alvorecer,
Emquanto eu parto, desfeita em pranto...
—Aves suspirem, que eu vou morrer!

De lá, do campo cheio de rosas,
Vem um perfume de entontecer...
Meu Deus, que maguas são dolorosas!
—Flores, fechai-vos, que eu vou morrer!...

Digamos com esse saudoso bohemio das lettras do norte, que foi o nosso querido Segundo, inesquecivel poeta que fazia vibrar sua *musa de cabellos*

brancos, quer lhe ascendessem o pensamento os flammejantes clarões da Liberdade, quer lhe inflammasse o cerebro o fogo sagrado do patriotismo: Auta de Souza foi um anjo que se fez martyr para ensinar aos fracos o sublime Evangelho dos resignados. Foi uma estrella que se fez virgem para purificar as almas transviadas, com o perfume de suas peregrinas virtudes.

.....

A vida é um segredo...

A morte é um enigma...

Esses impenetraveis mysterios melhor patenteiam a fragilidade humana.

Não esqueçamos cobrir de flores o tumulo da poetisa illustre.

Prisioneira da nossa estima, ainda o é, e se-lo-á, sempre, da nossa recordação.

Pobre Auta !...

De tua passagem sobre este valle de lagrimas perennes —

«Ficam, apenas,
Do que cantaste :
— Aves, sem pennas !
Flores, sem haste !»

Uma rectificação

Foi em 1896.

Começara a grassar, em Natal, a febre intensa dos jornaes baratos, quando, na radiosa manhã de um domingo de março, surgiu o *Fantoche*.

Novo paladino da imprensa alegre, proclamava-se organ dedicado a diversas coisas, leve, de facil digestão, em todos os sentidos, inclusive o de *coçar*, que é o mesmo apalpar do Cathecismo.

Lembro-me havel-o fundado de parceria com Manuel Coelho e José de Viveiros.

Nesse tempo, resignados e satisfeitos, palmilhavamos a via dolorosa do jornalismo regional.

Mas o *Fantoche* não apparecera para explorar uma industria nem apadrinhar um credo politico.

Manejando a troça, applicando os dardos da ironia, fazia-o sem arranhar dignidades, sem deprimir caracteres.

Sua critica podia não corrigir, mas não tisnava. E nisto consistira, talvez, o seu maior triumpho.

O jornal que enlameia, repudiador de uma missão dignificadora, é o reflexo da alma de Pasquino.

Os que ferem reputações, prosttuem seu valor moral.

Á nossa decantada liberdade de imprensa devemos o exercicio de revoltantes villanias.

Não convém esquecer que o *Fantoche* conservára a compostura dos bohemios travessos, que fazem rir, sem provocar escandalos.

Mas teve, coitado! como os seus congeneres, existencia ephemera.

Seis mezes, apenas, na irradiação da pilheria inofensiva e bôa, e tinha vivido o *Fantochinho*, como cavilosamente lhe chamava o major João Nese.

Antes, porém, de baquear, pleiteara a collaboração de Segundo Wanderley.

Não soube recusa-la o velho poeta. E, em seu n. 18, de 5 de julho do anno da graça de seu nascimento, publicava o *Fantoché*, incognito, embora, o seguinte:

PARALLELO ENTRE O HOMEM E A MULHER

O homem é a mais elevada das creaturas.
 A mulher o mais sublime dos ideaes.
 Deus fez para o homem um throno, e para a
 mulher um altar.
 O throno exalta. O altar santifica.
 O homem é o cerebro.
 A mulher é o coração.
 O cerebro fabrica a luz. O coração produz o amor.
 A luz fecunda. O amor resuscita.
 O homem é genio.
 A mulher é anjo.
 O genio é immensuravel. O anjo é indefinivel.
 Contempla-se o infinito. Admira-se o ineffavel.
 A aspiração do homem é a suprema gloria. A
 aspiração da mulher é a virtude extrema.
 A gloria faz o immortal. A virtude faz o divino.
 O homem tem a supremacia. A mulher tem a
 preferencia.
 A supremacia significa a força. A preferencia re-
 presenta o direito.
 O homem é forte pela razão.
 A mulher é invencivel pelas lagrimas.
 A razão convence. A lagrima commove.
 O homem é capaz de todos os heroismos.
 A mulher de todos os martyrios.
 O heroismo ennobrece. O martyrio sublima.
 O homem é um codigo.
 A mulher um Evangelho.
 O codigo corrige. O Evangelho aperfeiçoa.
 O homem é o templo.

A mulher é o sacrario.
Ante o templo descobrimo-nos.
Ante o sacrario ajoelhamo-nos
O homem pensa.
A mulher sonha.
Pensar é ter n'ó craneo uma lava. Sonhar é ter
na fronte uma aureola.
O homem é o oceano.
A mulher é o lago.
O oceano tem a perola que o adorna. O lago
tem a poesia que deslumbra.
O homem é a aguia que vôa.
A mulher o rouxinol que canta.
Voar é dominar o espaço. Cantar é conquistar
a alma.
O homem tem um pharol—a consciencia. A mu-
lher tem uma estrella—a esperanza.
A consciencia guia. A esperanza salva.
Emfim, o homem está collocado onde termina a
terra.
A mulher onde começa o céu.»

Esse trecho litterario mereceu as honras de varias transcrições, em diversos jornaes, não lhe sendo indifferente a *Revista Catholica* dirigida, nesse tempo, na Capital da União, por monsenhor Lustosa.

Até mesmo certa folha provinciana que, um dia, maguára o vate, inseriu em suas columnas o alludido escripto, na bella ignorancia de pertencer a Segundo o trabalho a que nos referimos.

Alguns rapazes que, naquella epoca, mantinham a brilhante revista de que fôra o cantor do *Gondolas* um dos mais fortes collaboradores, estamparam o *Parallelo* em o fasciculo 1.º, oitavo anno, do sympathico organo do «Congresso Litterario», firmando-o, porém, com o nome de seu auctor, já muito conhecido no scenario das letras nacionaes.

A despeito da resolução com que ó corpo redactor d'*A Tribuna* salvaguardára direitos de propriedade, alguns jornaes insistem na vulgarisação desse escripto, dando-lhe a paternidade apocrypha do cerebro pujante de Victor Hugo.

Sabemos ser honra para nós confundir-se, neste caso, o nome de Segundo Wanderley com o do lapidário da *Legendes des Siècles*; mas a verdade deve transparecer em toda plenitude de sua nudez, para que se não diga descurámos zelar o nosso pequeno, é certo, mas valioso patrimônio intellectual.

Em nosso posto

Ha muitos dias circula, com insistencia, nesta cidade, o trefego boato de havermos nós, os do *Congresso Litterario*, resolvido suspender, definitivamente, a publicação d'A *Tribuna*.

O despeito irrisorio e a inveja burlesca de uns modernos Cains do nosso movimento litterario — despeito resultante da linha de merito em que nos ha collocado a manifestação das sympathias publicas; inveja evolvente do modo carinhoso e amigo porque somos acolhidos pelos organs autorisados do pensamento hodierno — forçaram, sem duvida, essa balela de que se fizeram pregoeiros uns creançolas ingenuos, travessos e divertidos...

Fugit irreparable tempus.

Não! Ainda é cêdo para recuarmos em meio á lucta em que vimos nos empenhando com o ardor da mesma fé, com a vibração do mesmo entusiasmo dos primeiros dias.

Ainda é cêdo para interrompermos a marcha que encetámos em 1907, sem nos deter o passo a pilheria dos Gavroches, o comico dos filauciosos, o ridiculo dos arlequins que, na sua placidez de burguezes egoistas e inconscientes, pensam que *A Tribuna*, fatalmente, relegará a estabilidade dos seus principios.

Sombras que passam...

A luz irradiará sempre, apedrejem-n'a ou não os destruidores dos sagrados templos.

Aqui estamos entrincheirados para o trabalho edificante da evolução que Emilio Littré affirmára ser lenta, mas constante, fatal, inilludivel.

As idéas de hontem continuam a ser, para nós, os estímulos de hoje.

O que lamentamos é a teimosia dos ardis de uns pobres de espirito, a quem a escassez intellectual nem ao menos concede a faculdade de se amofinarem, escorraçados, como estão, do meio social em que vivem parasitariamente procurando entravar os bons movimentos do nosso progresso e da nossa cultura.

D'ahi, a estreiteza da visão que lhes afaga as retinas de boateiros vulgares.

No entanto, esses mesmos plumitivos alardeiam a vaidosa presumpção de haver attingido, pelo talento e pelo saber, incomparaveis alturas, como se os corvos, por scindirem o espaço, podessem nivelar-se ás aguias...

Mirabile visu !...

Vençamos ou não, com o livro e a penna, não nos afastará da linha que traçamos a poeira do caminho.

O resultado da lucta que se trava no presente, escreveu Guilherme Dias, é a base do porvir.

Digamos ainda com um notavel escriptor, que as grandes crises é que fazem os grandes homens.

Proseguiremos.

A nossa missão é ennobrecedora. Não pode, portanto, ser achincalhada pelos que, cada vez mais, se distanciam da compostura de combatentes dignos de combate.



O dia d'“A Republica”

Estamos hoje em festa.

Por que ?

E facil prever-se o motivo dessa alegria.

A *Republica* celebra a data de sua maioridade civil.

Vinte e um annos completos.

Está, por conseguinte, emancipada.

Entrou, por isso mesmo, na posse legitima dos seus direitos sociaes e politicos.

É bem assim que rezam os meus affarrabios juridicos.

Attingindo á maioridade, não o faz sem a curvatura dos nossos salamaleques.

Ella tem irrecusavel direito á manifestação de carinho dos que laboram nesta casa, sem pretender tocar o vertice da gloria de onde Lacenaire arrancara a effigie desse famigerado philosopho de Stagyra que, na antiguidade, enchera toda uma epoca.

Já não é pequeno o numero de combatentes que por aqui têm passado, collocando a sua intelligencia, a sua actividade e a sua dedicação partidarias ao serviço deste jornal que é, no Rio Grande do Norte, a bandeira triumphante da democracia nacional.

Foi em 1889 que Pedro Velho fez surgir este brilhante vespertino, para a missão dignificadora da derrocada monarchica.

Vê-se bem que, muito antes do exilio do nosso imperante, em julho do anno da graça da conquista republicana, um sopro de vida nova profundamente abalára o nosso organismo politico social.

O valoroso democrata que, da tribuna, já dou-

trinara o abolicionismo, se arrojava, então, em fremitos de entusiasmo, ao seio da imprensa, intensificando a propaganda liberal da Idéa Nova.

E ella surgiu, cresceu, avolumou-se e triumphou, por fim, neste pedaço do planeta, sob o influxo de seu verbo, ardente como um vulcão, sob a magia de sua palavra, transformada em perola dos labios.

Para servirmo-nos da phrase com que Villemain ajuizára a personalidade de Fontanes, diremos que— por onde quer que possamos apreciar a figura empolgante e communicativa de Pedro Velho, encontraremos nella o homem superior, o excellente homem de alma, cujos sentimentos eram generosos e rapidos como os proprios instinctos do talento.



O JORNAL

O jornal, ninguém mais o ignora—é o principal reflexo das necessidades do seu *meio*.

Vive como elemento de progresso; age como precursor da civilização.

É necessário, porém, que, ao fazer resaltar as suas convicções politico-sociaes, permaneça distanciado das baixas intrigas de campanario.

Só assim, melhor definirá a largueza do ideal collimado.

Feliz o que se não deixar vencer, palmilhando a via dolorosa das explorações faceis.

Doestos e invectivas muito rebaixarão o irrequeto espirito dos seus malabaristas.

Calçar os pantufos de arbitro das objurgatorias é o mesmo que inflamar paixões e accender odios. Paixões que desvirtuam sentimentos. Odios que tismam dignidades.

«Amigo que nos visita, mestre que nos ensina», o jornal pode, se quizer, constituir-se o prato de maior predilecção de todo um publico ledor.

Não basta, no entanto, para isso, arvorar idéas novas, doutrinando ás massas, inconscientes ou não dos seus direitos de civisino.

Mera tolice presumirem-se alguns coripeus da imprensa regional depositarios das altas responsabilidades de norteadores da opinião publica.

A missão do jornalista é ardua, importante, melindrosa e difficil.

Para bem desempenha-la, é preciso reunir as faculdades de illustração e de talento, harmonisadas á luz serena e clara do mais seguro criterio.

São esses os elementos essenciaes que, aos operarios das hõas letras, aos coloristas do pensamento, offerecem o triumpho completo da causa esposada.

Não é honesto escrever phantasiando factos.

Não é digno commentar deturpando acontecimentos.

O reflectido espirito do publico consciencioso e desapaixonado ha de sempre revoltar-se todas as vezes que o odio surdo e vermelho pretender o esphacelamento da verdade.



GOYANINHA

Não sei porque, dizem mal de Goyaninha.

Villa pinturesca, de aspecto modesto, mas docemente empolgante, com o verde ramalhar de suas arvores, com a musica deliciosa de seus ninhos, com o azul tranquillo do seu formoso céu, convida-nos ás meditações do amor e ao enlevo da saudade.

E esses dois bellos sentimentos, irmanados, ascendem até Deus a alma ingenua e bôa do campônio humilde.

Sinto não pequeno pesar, toda vez que labios indiscretos se abrem á depressão moral de homens e coisas que de mais perto nos pertencem.

Isto é simplesmente entristecedor.

Feio habito esse de envolver-se na fragil moldura de commentarios equivocos o nome de pobres logarejos que, na simplicidade de sua fé, na irradiação de sua crença, no fervor de sua religiosidade, deixam transparecer um culto de amor ás almenaras do direito, da justiça, do dever e da honra.

Dentro do meu silencio de asceta, na composura de observador reflectido e calmo, revoltam-me essas farpas de ironia com que a irreverencia bohemia magôa, susceptibilisa, o pobre rincão patricio.

São por de mais irritantes as accusações graciosas feitas, com impudencia, ao viver, modesto e tranquillo, desses pequenos pedaços da alma territorial do Rio Grande do Norte.

Entre outras coisas casquilhas, mas injuriosas, urdidadas ao sabor da trefega irrisão das ruas, acrescentam ainda, maldizentes baratos, que certos moradores de Goyaninha, ao serem procurados por alguma visi-

ta importuna, na occasião das refeições, occultam surrateiramente os pratos fumegantes, receiando o assalto á deficiência dos manjares.

Convenhamos: isto é, antes de tudo, uma revoltante injustiça á proverbial generosidade do povo dos nossos pacatos burgos.

Não ha muitos dias, regressando da Penha o exmo. governador do Estado e a luzida comitiva que o ladeára, sem restricções de gabos, o alto cavalheirismo do coronel Gonzaga Barbalho, Ottoni Lima, Abdon Grillo e do padre José Alves, desmentiu essa e outras tantas balelas com que a chocarrice dos maus procura enxovalhar a villa carinhosa e amiga, onde os globulos homeopathicos do coronel Fagundes terão restabelecido poucos doentes, mas feito muitos eleitores.

Se não foi pequena a manifestação de alegria com que aquella boa gente recebeu tão illustres hospedes, não foi menor o prazer dos excursionistas ao serem acolhidos festivamente pelos prestimosos elementos dessa terra, berço querido de filhos dilectos, elevados ás mais bizarras posições politico-sociaes, em diversos departamentos da vida publica.

Vem a proposito lembrar que de Goyaninha sahiram—o dr. José Moreira Brandão, distincto parlamentar e valente jornalista; o dr. Ernesto de Araujo Torreão, presidente da antiga provincia do Ceará e, depois, ministro do Tribunal de Contas, no Rio de Janeiro; o dr. Basilio Quaresma Torreão, desembargador da Relação do Maranhão; d. Joaquim de Almeida, bispo do Piahy; o dr. Jefferson Mirabeau de Azêvedo Soares, jornalista e chefe de secção, no Thesouro Estadual de Pernambuco; o padre Oliveira Barbalho, secretario do hispado de Olinda; José Nicacio da Silva, professor de latim, no Gymnasio de Pernambuco; o padre Augusto Franklim, vigario da Boa-Vista, no Recife e redactor da *Era Nova*; o general José Pedro de Oliveira Galvão, senador pelo Rio Grande do Norte; o padre José Paulino de Borba, vigario de Bananeiras; João Tiburcio da Cunha Pinheiro, lente do Athenaeo Rio Grandense; Raphael Archanjo Galvão, e Abdennago Alves, directores do Thesouro Nacional; e o dr. João

Cavalcante Ferreira de Mello, dedicado e inteligente discípulo de Hypocrates.

Seria enfadonha a citação de outros tantos nomes, bem dignos de figurar nessa resenha, onde não pode ser esquecido o meu velho e respeitavel amigo coronel Americo Simonetti que, a despeito de seus achaques asmáticos, fez a propaganda da Republica, expectorando latim como um Seminario.

Quanto de verdade existe no alinhio dessa phrase da colleante phylosophia popular:

—O diabo não é tão feio como o pintam!...



Antonio Marinho

O telegrapho, no seu costumeiro laconismo, trouxe-nos da Villa de Angicos a nova consternante da morte de Antonio Marinho.

Quem foi elle todos vimos, porque vimo-lo todos trabalhando pela intelligencia e progredindo pelo saber.

Como que ainda sentimos a claridade suavissima de seu espirito.

Recorda-lo é reviver as irradiações de um lidimo talento.

Quando, pela primeira vez, surgiu-nos na imprensa, ostentando a bella compostura de um gladiador romano, revelou, desde logo, a intuição da critica que aprendera a construir sem cavillações e sem rebuços.

Mas, nem por isso o censuremos.

Explanava as suas idéas com a mesma serenidade com que manjava a sua ironia. E, para melhor robustecer a linha das attitudes, no seio da imprensa, não raro procurava enfeitar de uns vislumbres philosophicos a eloquencia dos argumentos.

Lendo os bons livros, estudou, ainda mais, os bons mestres.

Talvez por isso a sua arrogancia; por isso, talvez, o seu desassombro, abordando theses de alto relevo social.

Se pouco produziu, pouco viveu.

Entretanto, soffreu mais do que sonhara...

Pode-se affirmar que Antonio Marinho installou a sua ouriversaria psychica com o apparecimento, em 1897, da mais brilhante revista litteraria, até agora, posta em circulação, entre nós.

Quero referir-me a *A Tribuna*, em cujas paginas, numa ascensão magnifica, deslisaram os bellos espiritos de Alberto Maranhão, Henrique Castriciano, Manuel Dantas, Antonio de Souza, Pinto de Abreu, Segundo Wanderley, Sebastião Fernandes, Pedro Avelino, Horacio Barretto, Homem de Siqueira, Francisco Palma, Auta de Souza, Anna Lima, e tantos outros, conseguindo o olhar percusciente dos que acompanhavam, com o maximo interesse, a florescencia intellectual brasileira, onde quer que se manifestasse essa febre de conquista, de renome, de gloria.

Nesse movimento salutar, respeitante a irradiação de nossa cultura, Antonio Marinho pleiteou o posto de destaque que lhe não foi recusado.

Mas teria, talvez, succumbido, ignorado quase, a trabalhar recurvo na humilde banca de uma repartição postal, sellando cartas e carimbando jornaes, se, quando governo, o dr. Alberto Maranhão não o conduzisse—retrahido e timido— a logares outros de confiança politica e distincção social.

.....
.....
Pobre amigo!

Como ainda lamentamos nós que, longe do nosso carinho, mas dentro de nossa estima, tivesses marchado, vencido que foste, para o ventre da terra!...

Branca do Ceu

Leocadio Guerreiro!

Este nome lembra um exercito partido para o campo escabroso das batalhas.

Traz-nos á idéa o tilintar de armas que se chocam.

É como a repercussão do toque de clarins alarmantes.

São aos nossos ouvidos recordando o explodir de granadas.

Ao proferi-lo sentimos uma especie de troar de artilharia.

Que importa o deleite desse sonho novo, que é a arrojada conquista da paz universal?

Ha muita utopia dourada por este mundo de meu Deus!...

Fazem-se cobrir das benções da patria os que, allucinados pela vibração de seu patriotismo, mais se approximam da gloria.

Para conquista-la é que elles bem melhor pleiteam a agonia da morte.

Mas nem sempre o habito costuma fazer o monge.

As apparencias não deixam de illudir.

Imitarão, casualmente, as mulheres formosas e elegantes, mas levianas e faceis?...

Não o sabemos.

O certo é que os poetas não peccam por enganar pouco.

Ai de vós, adoraveis senhorinhas, se chegardes a acreditar em tudo que elles dizem.

Ai delles, se mentiras rimadas constituissem crimes passionaes ou transviassem as almas da Bemaventurança.

O sr. Leocadio Guerreiro está longe de ser o que lhe pretende o nome.

Um torturado do amor, um vassalo de *Eratus*, aureolado de myrtos e rosas, eis o que elle é.

E quem o não será nessa quadra joalheira da existencia?

D'ahi, sem duvida, o radiar de seu estro, a musica de suas estrophes.

Ha senhoras que não acreditam na paixão sem versos; outras, porém, descreem do amor metrificado.

Aquellas são as romanticas; essas, reflexos de amargas experiencias...

A *Republica* mereceu a offerta de um volume do *Branca do Ceu*.

Fomos surprehender os arabescos da imaginação do sr. Leocadio Guerreiro palpitando através das paginas desse livro confeccionado, em Belém, do Pará, nas officinas typographicas da *Livraria Escolar*.

Já o folheámos.

Já o lemos.

Parece-nos ainda ouvir o poeta modular a cada instante:

.....
 E tanto como tu, ninguem pode, de certo,
 Contar o varonil romance desse amor,
 Que sobre mim trazia um ceu de fogo aberto,
 E o solo sem a sombra amiga de uma flor.

Mas, afinal, venci! E contigo me veio
 A glorificação de minha fé audaz...
 O alvorecer do amor de teu divino seio
 Foi, para mim, querida, o alvorecer da paz

Feliz! Não sinto mais, demonio enlouquecido,
 Soffrer e blasphemar meu pobre coração;
 Trago-o dentro de mim como um leão vencido,
 Calmamente, dormindo, ao fundo da prisão.

.....
 Ha sempre um pouco de curiosidade a conduzir-nos ás coisas novas.

Mas o que dirão trovadores de hoje, que o não dissessem trovadores de hontem?

A forma varia, mas os pensamentos, as idéas, as imagens, por ahi se desencadeiam num refundir constante e bizarro.

Nem por isso deixaremos de exaltar as gemmas do talento de altísimos sonhadores modernos.

Bilac, Murat, Raymundo Correia, Luiz Delfino, B. Lopes, Luiz Guimarães, Alberto de Oliveira, Vicente de Carvalho e tantos outros, valem bem a refulgencia de uma apothese.

Mas, voltemos ao *Branca do Ceu*.

É um livro que se divide em quatro partes: *A jornada, Trevas, Ressurreição e Vozes de Além*.

Sem outra intenção a não ser a de alcançarmos do leitor um *muito obrigado*, aqui citamos as estrophes com que—

O Pedro Cem do amor, o Cresus da saudade,
fala á legião dos maldizentes :

Abri, de par em par, as portas do meu templo,
Profanae-lhe, infieis, o ambito esplendente,
Mas não fiteis a doce imagem que eu contemplo
De joelhos, comovido e apaixonadamente.

Rasgae, bebedamente, a minha pobre veste,
Cuspi á minha face a injuria mais ferina,
Mas não toqueis, de leve, o manto azul celeste
Que lhe envolve do corpo a forma peregrina.

Vinde, que não vos temo o impeto arrojado,
Pois, se ouzardes, sequer, beijar-lhe os pés, então,
Eu mesmo destruirei o templo idolatrado,
Farei como Sansão !

É ahí está como o sr. Leocadio Guerreiro, com quem deveras sympathisámos, encontrou ensejo de se dizer possuidor de uma admiravel força physica.

No entanto, seja dito de passagem, não nos consta que o illustre vate já se tivesse atirado a uma *lucta romana*!...

É preferivel que o seu espirito continue a mergulhar nesse embate moral de paixões enleiantes, de onde a gente sae, não raro, com uma esperança a menos e uma desillusão a mais...

Mulheres... mulheres...

Não fossem ellas e não pompearia o grande sol do amor, com o cortejo delicioso de seus espinhos, de suas loucuras e de seus suicidios...

SCISMAS

Temos sobre a nossa mesa de trabalho o *Scismas*.

É um livro de versos prefaciado pela penna scintillante de H. Castriciano.

Seu auctor, Juvenal Antunes, conseguiu, assim, arrancar do silencio em que se deixara envolver o iluminado espirito desse eminente artista que nos sae do suave embevecimento de seu grande sonho, para «conduzir ainda, pela asperrima estrada da vida e com o mesmo cuidado do naturalista inglez—as alpercatas de ouro da Rima».

Confiou-nos *A Republica* a leitura dessas estrophes feitas de illusões amenas, de alegrias moças, de tristezas de amor, mas desse amor que um poeta dissera nascer de quase nada e morrer de quase tudo.

Reunindo e publicando as suas creações metricas, reveladoras de seu incontestavel talento, o nosso illustre confrade d'*A Capital* encontrou aso de homenagear á memoria imperecivel de Auta de Souza e Segundo Wanderley, nesta pequena patria, quase apagado recanto da grande patria commum.

Sob a impressão do arroio cantante desses versos, não permaneceremos braços cruzados, dorso recurvo, na beatifica immobilidade dos vencidos que se não insurgem contra a revoltante indiferença do *meio*.

Juvenal Antunes se tem pretensões a arbitro da elegancia, embrulhando-se em roupas leves e bem talladas, uzando perfumes caros e provocantes, fruindo os gosos ineffaveis do amor cavalheiresco, que lhe é esperanza e illusão, prazer e ventura, alegria e conforto, nem por isso vemo-lo enfileirar-se entre os que,

empalhadamente mediocres, farejam para o seu nome o halo dithyrambico dos adjectivos mellifluos.

Excessivamente modesto, nem tem sede de applausos nem ambição de renome.

Que lhe importa seja esse o doce enlevo dos que, impando de vaidade e installados nos seus propositos de cubiça, tentam forçar passagem, a caminho da gloria?

A inexperiencia e a ingenuidade não se fizeram privilegio de Luciano Rubempré, de que nos fala Pínlheiro Chagas, nos *Ensaio Criticos*.

Prosigamos, sem mais exordio. Aproveitemos o tempo que rapido nos foge como as visões do poeta, e procuremos ouvi-lo chorrilhar coisas mansas, simples, vaporosas e boas:

Para exemplo, esta scena infantil:

O carreiro

Brincam juntos, no terreiro
Do Engenho, faz mais d'um hora,
Joaquim, filho do carreiro,
Com a filha de d. Aurora.

Alice já fez seis annos,
Completou nove o Joaquim,
Só nesta quadra de enganos
Existe egualdade assim!

Marido e mulher se chamam,
Comem na mesma tigela...
Para prova de que se amam
Nada deixam dentro della.

Faz de carreiro o menino
E vae buscar a boiada...
Tem Alice outro destino:
—Fazer renda de almofada.

Lá vem o carro chiando,
Tirado por quatro bois,
E o carreiro, praguejando,
Fala a um, a outro depois.

Feliz innocencia a tua,
Filho de um pobre carreiro,
Pensas que és dono da lua
E brincas o dia inteiro.

A' naturalidade desses versos alia-se o colorido da observação, quando elle exclama:

Homem, soarás como um mouro
E não serás livre um'hora,
Nem has de ter mais namoro
Com filhas de d. Aurora.

Nesta ultima quadra o burilador do *Scismas* deixa antever o bramir do egoismo humano, provocando o choque inevitavel dos preconceitos sociaes, uma vez chegado á cordilheira accidentada da vida esse ridente parsito de innocencias em flor.

Não o contestemos, preferindo buscar para este jornal outras producções de seu estro, bem merecedoras do nosso elogio.

Neste caso está o soneto que abaixo citaremos:

Tres sonhos

Oscar, Paulo e Abelardo, ouvindo a Sorte
A tentadora voz que a todos chama,
Escravos de um desejo que os inflamma,
Partem tomando, cada qual, seu norte.

Procura Oscar riquezas ; gloria ou fama
Busca Paulo ; e Abelardo quer a morte,
Si, em troco da paixão que tem mais forte,
Não alcançar o amor de sua dama.

Partem !... Já longos annos são passados...
Um dia, volta Oscar com os cubiçados
Thesouros, com a fortuna que sonhou..

Volta Paulo com os louros da victoria,
Traz o diadema da sonhada gloria...
Mas Abelardo... nunca mais voltou !

E assim resumiu o poeta a historia do romantico jornada de tres aspirantes á riqueza, á gloria e ao amor que é a grande inspiração dos joalheiros da rima nacional.

Precisamos de dar a ler mais algumas producções de Juvenal Antunes, a quem não preoccupa a cogitação de altos problemas philosophicos, como di-lo o prefaciador do *Scismas*.

Não é nosso desejo privar o leitor de embalar a alma ao rythmo cadencioso desses versos deliciosamente sentimentaes :

Saudade

A este suave soffrer, a esta amargura
Doce, que aqui meu coração invade,
Longe de ti, purissima creatura,
Dá-se o bonito nome de saudade !

Anda brincando pelo espaço, lenta,
Sobre quem ama como eu amo, desce...
E se o que é infinito cresce, augmenta,
Minha paixão, por ti, augmenta, cresce.

Mas, si minh'alma encontra novo alento
Nesse exquisito e original quebranto,
Se eu não posso chama-la soffrimento,
E ella é tão doce, por que amarga tanto ?

E que é a saudade ?

— A hera do coração, sempre verde e tristonha,
di-lo o insigne beletриста patrio, Coelho Netto; — a alma
do amor chorando, para sempre, o paraizo perdido,
definiu-a Augusto de Castro.

Ha outros poemas, no livro do moço bacharel,
dignos de especial destaque.

No soneto *Dilemma*, servindo-nos de uma phrãse
desse formidavel artista do pensamento, que foi
Euclides da Cunha, parece que o metro nasce ao com-
passo da systole e da dyastole de quem o recita :

Repara, colla o ouvido a esse velho arcabouço !
Colla ao meu coração teu ouvido e procura
Esses versos ouvir, que claramente ouço !

Ouve ! uma te condemna, enquanto a outra te exalça :
— E' pura, é pura, é pura, é pura, é pura, é pura !
— E' falsa, é falsa, é falsa, é falsa, é falsa, é falsa !

H. Castriciano tambem não deixou de distinguir
os versos que acima citámos, sem deslustre do soneto
Logica, assim fechado á chave de ouro :

Se amor é ver fugirem calma e somno,
Não saber explicar o que a alma sente,
Ambicionar aquillo que ambiciono ;

Ter sempre alguém no coração presente,
Sentindo solidão, vácuo, abandono,
Então, já sei que te amo ardentemente.

O coração do poeta que se deixara adormecer
aos pés de uma outra dama,

. como um cão familiar,

despertou, outra vez, crivado pelas setas do trefego
Cupido.

Acceite o sonhador patricio os agradecimentos
da *Republica*, pela offerta do seu rimario, e os para-
bens que lhe enviamos, menos por um gesto de ami-
zade, do que por um sentimento de justiça.



Pela instrucção

A cidade do Assú, a exemplo das suas congêneres, vaê ter, finalmente, o seu Grupo Escolar.

A idéa de reforma da nossa instrucção primaria, movimentada em bôa hora pelos altos poderes administrativos do Estado, continúa a merecer as sympathias applaudiveis de todos os bem intencionados espiritos.

Nenhum acontecimento poderá exercer melhor influencia nalma de um povo accessivel ás leis irrevogaveis do progresso humano, do que esse em que se procura cimentar as bases modelares da educação moral, intellectual e civica, desse mesmo povo.

Na terra de Ulysses Caldas, berço glorioso do herôe de Curuzú, já se fazia mistêr o funcionamento de uma officina de onde jorre, em breve, a luz da pedagogia delicada e complexa.

Da mesma maneira que se não evolve sem a disciplina da intelligencia, não se progride tambem sem o influxo da sciencia nova.

As nações, bem o sabemos, tornam-se respeitadas pela força. Mas a força vence e destrôe, abate e triumphá, guiada pelos ensinamentos da logica.

Um golpe decisivo e certo bastou para o completo remodelamento da instrucção publica, neste pequeno Estado do norte, onde Pedro Velho fez brotar a sementeira da liberdade, nivellando os sagrados direitos do homem pela cruzada redemptora do abolicionismo.

Ainda bem que á patriotica iniciativa do dr. Alberto Maranhão, preclaro governador do Rio Grande do Norte, correspondem os esforços dos que não

sabem desamar os nobres tentamens da intelligencia, certos de que um povo sem instrucção é um povo sem ideal.

Assim devera ter pensado D. Antonio da Costa, e dahi o ter escripto:

—Povo, a tua causa é a da instrucção, porque só ella pode aperfeiçoar a saúde, a moralidade e o trabalho aos teus filhos, o que lhes ha de permittir crearem propriedades, fundarem familias, envelhecerem no remanso da paz e morrerem, depois, nos braços da felicidade.



João Maria

Padre, a tua igreja vae reunir, amanhã, a assembléa dos crentes.

Quando a musica das aves contrastar com o gemer dos sinos, lá estarão elles, cheios de tristeza, cheios de saudade.

Ali, á luz tranquilla do olhar dos mysticos, transparecerá o teu vulto de clérigo piedoso como uma gondola celeste. E a nossa magua é o nosso affecto ver-te-ão passar, balbuciando orações, ante a magnificencia de altares aromados de incenso e mirra.

A grandeza de tua memoria é o consolo de nossa recordação. Temo-la serena, indelevel, palpitante, no sacrario d'alma, como hostia de luz no pallio azul da consciencia.

Que importa tenhas morrido? Não vive, não viverá sempre o teu fecundo exemplo?

Que importa a decomposição da materia? Não tiveste, como D. Bosco, a glorificação do espirito?

*
* *

Padre, quando agonisaste ungram-te o corpo lagrimas da terra.

Quando morreste, padre, cobriram-te o esquite bençãos do ceu.

Partiste levando no coração o balsamo da creança que conforta.

Os heróes da guerra vencem sacrificando a vida. Os heróes da Igreja triumpham purificando a alma. Vencer não é triumphar.

Onde aparece um vencido ha jorros de sangue.

Onde surge um triumphador ha jorros de luz.

O sangue é o rubro pavilhão do exterminio. A luz é a branca aureola da civilisação.

*
* *

Padre, se bem comprehendeste, melhor praticaste a sublime noção dos teus deveres.

Quem te fez simples?

—A tua humildade.

Quem te fez justo?

—A tua consciencia.

Quem te fez santo?

—A tua fé.

A humildade pode ennobrecer.

A consciencia deve alentar.

A fé, porém, glorifica.

Não foste um cibarita. Teu augusto mistér não se reflectiu, apenas, entre as paredes esmaecidas de tua igreja.

Não!

Tu te desdobraste ainda em derredor de miserias choupanas, onde quer que a deficiencia do pão denunciasse a vacuidade do estomago.

Agua da caridade e da misericordia, abrigaste ao calor de tuas azas pandas toda uma legião de be-
duinos da ventura.

Na constellada mansão dos predestinados é onde debes permanecer, pelas graças, pelos beneficios derramados á face da terra, enviando canticos a Deus.

*
* *

Padre, creio na immortalidade da alma como na pureza das lagrimas de Magdalena banhando, outr'ora, os pés do meigo Nazareno.

Creio na immortalidade da alma como no bello doutrinar de S. Agostinho, querendo-nos pequenos, para sermos grandes.

Creio na immortalidade da alma como na sinceridade dessa dor innominavel, que enlaça num só amplexo e funde numa só tortura os doridos illumina-
dos pelo codigo de tua moral.

Foi isso o que serenamente fizeste na via dolorosa da existencia: desceste ao ultimo degrau da humildade e subiste ao derradeiro throno da abnegação.

A recompensa se não fez esperar. Teu nome desfraldou-se em bandeira de uma Religião.

Essa bandeira é um symbolo.

Esse symbolo a arvore de uma idéa.

Essa idéa anceia, cresce, palpita, sempre triumphante, victoriosa sempre.

As tuas bemditas virtudes disseram a piedosa historia de teu espirito.

Como é bom ser bom, padre!...



Silveira Carvalho

Já lá se vão muitos dias, passou por esta Capital um dos mais espontaneos e maviosos tropeiros do norte do Brasil.

Quero referir-me a Silveira Carvalho que, em 1907, de collaboração com Adelmar Tavares, Carlos Estevam, Moreira Cardoso e Manuel Monteiro, publicou, em Recife, o *Descantes*, livrinho de coisas deliciosamente rimadas, dando-nos, depois, em *Instantaneos*, os perfis academicos que tanto ruido fizeram entre os estudantes, seus contemporaneos.

Silveira Carvalho que fora, até pouco tempo, um dos operosos e intelligentes auxiliares de Balthasar Pereira, na feitura litteraria d'A *Provincia*, havia seguido para a Prainha, no Estado do Pará, onde começára a sua vida publica, devido a intervenção amistosa de amigos e admiradores, feitos pela grandeza de su'alma e os labores de seu espirito.

Ao deixar a terra pernambucana, ensaiados já os vôos aquilinos de sua brilhante imaginação de artista, cheio de affectivas recordações e ferido pela saudade da noiva querida, transpôz o revolto imperio dos mares, em busca desse afastado recanto do norte, onde lhe parecia sorrir a visão do futuro.

Mais tarde, porém, ei-lo de volta, na risonha perspectiva de promissores dias na terra gaúcha, que o terá enfileirado, bacharel que elle é, na magistratura do sul.

Passageiro do *Acre*, surpreendeu-nos o seu abraço amigo no escriptorio d'A *Republica*.

Sua correcta e variada palestra prendeu-nos por alguns instantes.

Silveira Carvalho discreveu, com as tintas leves

da ironia moça, varios episodios provincianos da viagem que emprehendera.

Disse, depois, a bôa impressão que ao espirito lhe deixára o aspecto da tranquilla cidade que o acolhia emmoldurada na cordilheira ingreme dos seus morros vicejantes.

Fallou-nos mais, compassivo, da perda sensivel que tanto abalára o organismo intellectual do Rio Grande do Norte com o apagar da existencia de Segundo Wanderley que, no dizer de um chronista amazonense, fundira seus versos traduzindo queixumes, gemendo saudades, evocando illusões, exprimindo desejos, celebrando amores e lembrando sonhos.

Ao fechar da tarde, ievamo-lo ao bordo do *Acre*. Fizemos assim a Silveira Carvalho as nossas despedidas e, com ellas, os votos de alegria que tiveramos ao vê-lo bemdizer a cordialidade do nosso acolhimento.

Foi nessa occasião que o illustre bohemio parahybano nos presenteou com os *Postaes*, mimosa brochura de versos reveladores do lyrismo de sua musa garrida.

A' capa do precioso livrinho, que representa um postal digno de figurar no album da mais exigente colleccionadora, vimos logo estes versos a justificar o seu apparecimento:

Quantos postaes delicados
Foram, por mim, estragados!
Mandavam... Fui escrevendo...
Não tenho remorso algum...

Agora mesmo, estão vendo?
—Sem querer, estraguei um!...

Quando o navio começou a rasgar o seio das aguas mansas do Potengy, restituído eu á bôa camaradagem dos companheiros d'*A Republica*, volvi demoradamente as paginas rimadas que me offerecera o poeta. um primor de arte graphica, sahido das officinas de Agostinho Bezerra, no Recife, e li as sete quadras que se seguem, de uma belleza e naturalidade encantadoras:

Serenata

Olha, o luar está um encanto !
 Como é que foste dormir ?
 Para te ouvir andei tanto
 E hei de voltar sem te ouvir ?

Onde estão os teus carinhos ?
 Que coração mau é o teu !
 Por que nos deixas sosinhos :
 —O luar, as estrellas e eu ?

Para amantes, certamente,
 Foi que Deus, querida, fez
 Plenilunios, e ha somente
 Um plenilunio por mez !

De mez em mez ! E' tão raro...
 E, entanto, não aproveitas...
 Foges do luar frio, c' o,
 E tão cêdo assim te ueltas !

E eu, que trazia uns versinhos
 Para cantar ao teu lado...
 —Recordações, retalhinhos
 Do teu, do nosso passado,

Regresso à casa tristonho,
 Porque te encontrei dormindo.
 Sonhas ? E' lindo o teu sonho ?
 Também o luar é tão lindo !

Acorda. Andei tanto, ingrata,
 E vou voltar sem te ouvir.
 Que noite de serenata !
 Como é que foste dormir ?!

Os versos que ali ficam aformoseam um postal de Adelmar Tavares, meigo sonhador, á feição de Silveira Carvalho e, como ellè, bom, amavel, talentoso.

Se pudessemos citar os plectros que mais nos agradaram fariamos desta folha outro postal que, se não fosse encimado, como o do poeta, por uma bella paisagem marinha, em todo caso, apresentaria o schema do luxuoso palacio d'A *Republica*, com os seus vinte andares, obrigados a elevadores, d'aqui a 50 annos, tal como, no seu optimismo de conferencista *dernier cri*, concebeu o nosso illustrissimo confrade dr. Manuel Dantas.

A Silveira Carvalho reiteramos agradecimentos pela valiosa offerta dos *Postaes*, infelizmente não encontrados ainda na *Livraria Cosmopolita*.

Romancismo

Surpreendi-o hontem, á noite, trabalhando em seu gabinete.

Recebeu-me friamente, sem aquelle sorriso de triumphador dos tempos medievos.

Estava triste, apprehensivo.

Maguei-me ao ver que o perturbára a minha visita.

E não foi sem uma certa reluctancia que me libertei do receio de dirigir-lhe a palavra.

—Então, que tens tu? Como explicar a transformação do teu espirito, hontem tão irrequieto, tão alegre, tão communicativo, e hoje...

—Sim, hoje...

—Ora, vamos. Nada de reticencias. Abre-me o coração.

Ouvindo pronunciar-me desta maneira, fez um ligeiro signal.

Approximei-me.

Tremulo e nervoso como um collegial noviço, mansamente interrogou-me:

—Ainda és meu amigo?

—Se o sou? Como assim? Duvidas, por acaso, de minha sinceridade?!

—Não. E por isso mesmo, é que te vou revelar o meu segredo.

—O teu segredo?!

—É quem o não terá?

—Deve ser então esse mysterio que anda a envolver o teu espirito.

—Sim, deve ser... Quando se ama muito...

—Continúa.

- Soffre-se ainda mais.
—Que? Estás apaixonado?!
—Vê-la, ouvi-la e ama-la, foi obra de um instante.
—Não percebo!
—Se ella é tão bôa, tão docil, tão formosa...
—Ella quem, homem de Deus?
—Não procures saber.
—Trata-se de uma incognita?!
—Talvez...
—É interessante.
—Em todo caso, basta dizer-te que seu nome é um fulgor de estrella, um sorriso de aurora, um gorgeio de ave, uma suavidade de perfume.
—Palavra d'honra como estou perplexo!
—Olha, disse-me elle —vês esta flor?
—Sim. Uma *la france*, se me não engano.
—Foi ella, meu amigo, quem m'a deu.
—Quando?
—Certa noite em que nossos labios trocavam doces e carinhosas promessas...
—No entanto...
—Bem conservada ainda como se a tivessem roubado, agora mesmo, ás caricias madrugalescas da brisa. Não é isto que queres dizer?
—Perfeitamente.
—Mas, diz-me cá, prosegui antes de retirar-me, como podes conservar assim, sempre viçosa, esta querida *la france*?
—Deixando sobre ella cahir, todos os dias, o orvalho de minhas lagrimas, os beijos de minha saudade.
—És um platonico, meu amigo.
—Não! Dize antes que sou um louco.
—Acredito. Raros, bem raros, os que, moços como tu, se entregam ao doce-amargo das paixões dantescas, no equilibrio de suas faculdades.
E, apresentando-lhe despedidas, tomei o chapéu e, ao sahir, deixei-me acompanhar pela surdina d'aquella phrase que nunca mais esqueci:
—Seu nome é um fulgor de estrella, um sorriso de aurora, um gorgeio de ave, uma suavidade de perfume.

Bastidores

O *Carlos Gomes*, que por tanto tempo privara o seu pequeno publico de impressões outras, excepto as fornecidas por uma interessante variedade de *films* cinematographicos, nos recebeu, quinta-feira ultima, prazenteiramente, como se fossemos nós o filho prodigo, tornado ao lar paterno.

É que a *troupe* Brandão Sobrinho nos prometera arrancar desse ramerrão de todos os dias, desopilando-nos o espirito.

A trouco disso, como premio de reconhecimento, quer apenas o essencial para garantir as alegrias de seu viver, isto é - um pouco do nosso carinho e alguma coisa de nossa algibeira.

Vá lá...

Quando não tinhamos theatro, era natural não termos artistas.

Mas, felizmente, passou a epoca dos armazens de assucar serem guindados a casas de espectaculos.

A louvavel operosidade dos governos Ferreira Chaves e Alberto Maranhão dotou-nos, em boa hora, com a erecção de um theatro, embora modesto, mas, em todo caso, confortavel.

É verdade que essa idéa, já vencedora, assanhou commentos de varios matizes em redor daquellas illustres administrações.

Mas, convenhamos, não podia deixar de ser assim.

É inveterada essa anomalia dos que, systematicamente, se insurgem contra os homens adstrictos, no Estado, a grande parcella de responsabilidades publicas.

Certo é que os dois notaveis estadistas viram triumphar os seus designios.

Lá está o teatro, erguido á praça Augusto Severo, como sorrindo ironicamente das prophcias mal reflectidas, das objurgatorias soezes de maldizentes incorrigiveis e cretinos incuraveis, que pretenderam solapar os seus alicerces.

Não fosse edificarmos o *Carlos Gomes* e não chegariam até nós as companhias de Christiano de Souza, Angela Pinto e Germano Alves.

E, para nossa vaidade, aliás presumivel de gente civilisada, seria uma decepção ver artistas desse valor trabalhar nuns pardieiros sem ar e sem luz onde, muitas noites, fomos assistir á representação de peças, mediocres umas, empolgantes outras, mas todas, pela força de circunstancias que não vem á baila analysar, quase sempre, desgraçadamente sacrificadas.

Por outro lado, o trombone de vara do Antonio Elias e a fanhosa rabeca do Emiliano cederam lugar a essa outra coisa deliciosa, que anda a obedecer á batuta admiravel do maravilhoso violinista patrio Nicolino Milano, e pode rivalisar, pela sua cultura artistica, com os famosos nucleos musicaes de outros paizes.

O que lamentamos é a falta de organização de sociedades dramaticas, quando, em dias remotos, ao gemer da rabeca do Emiliano, e ao berrar do trombone do Antonio Elias, ellas por ahi formigavam, pululavam, enxameavam...

E nem se diga que não temos amadores intelligentes e praticos para se exhibirem á luz da ribalta.

Quizessem elles— Joaquim Damasceno, Deolindo Lima, Aristoteles Costa, Luiz Avila, José Athayde, Manuel Seabra, Roque Fernandes, e os irmãos Pelinca, e, de bom grado, dispensariamos a visita de certos comediantes que, vez por outra, nos batem á porta, sem a menor cerimonia...

O que nos podem contrapor é não termos uma rapariguitta esbelta, desenvolvida, em condições de prestar auxilio scenico á iniciativa particular de alguns rapazes.

Mas, que diabo !

Os chineses não imperrariam diante dessa dificuldade.

De cabelleira paramentada, ostentando espaventosas roupas femininas, os compatricios do Cong Min Hon, imperador comediante, recitariam seu *papel* sem, dest'arte, exprimir receios de incorrer na indesejavel metamorphose de um sexo que atrai—o sexo mais ou menos barbado...



Pedro Velho

Elle foi, realmente, no scenario da vida collectiva do Rio Grande do Norte, a personalidade politica que melhor defendeu os interesses de seu Estado e as aspirações de seu povo.

Abolicionista — numa campanha regeneradora, bendizendo a pureza dos idéaes a que se consagrara, tão alto e tão serenamente elevar soube os pensamentos que lhe enchiam o cerebro que, desde logo, o fizeram legionario das responsabilidades dirigentes de todo um nucleo social, na evidencia consoladora de consolador triumpho, em breve realizado.

Republico — entrincheirando-se ás convicções que lhe norteavam o espirito para o seio da arena onde o vimos á frente da gloriosa transformação politica de 1889, evangelizou os principios cardeaes da Idéa Nova, firme no querer, inabalavel na vontade que é a victoria da força.

Governo — de uma impolluivel probidade; sem reserva de esforços nem economia de talentos; sem o vacillar dos fracos nem o retrahir dos timidos; sem descer a alma ao negro das paixões corruptoras do character, nem tergiversar, uma linha sequer, no programma liberal que se traçara, reuniu, dentro da orbita da moderna philosophia, os predicados Moraes peculiares aos homens politicos que conquistam postos de honra, não a investidas de audacia, mas a surtos de intelligencia, de tolerancia, de patriotismo.

Chefe — finalmente, blindado desses nobres sentimentos que tanto o expuzeram ás sympathias publicas, o senador Pedro Velho fez repercutir, lá fóra, essa harmonia de vistas, esse concerto de idéas, centralizando uma só vontade em torno á flammula do

partido que elle ensinára a não desamar a Republica.

E hoje, com a mesma intrepidez da heroica marinhagem que, olhos garços no azul, veleja ás aguas crespas do atlantico, é bem de ver aproarmos para o progresso.

E o progresso é o movimento.

E o movimento é a vida.

O seu espirito não vencera pela força. Triunphára pela bondade.

Grande pelo character, não o foi menor pelo coração.

É consolador recordal-o ainda, e sempre.

Diz-se que a estatua de Moysés não ousou silenciar deante das pancadas do escopro de Miguel Angelo.

Ah! pudessemos nós, abeirados de seu tumulo, ouvir-lhe, ainda uma vez, a alma feito verbo, cascadeando aquellas mesmas coisas sonoras, aquellas caricias, doces como um gorgeio, que elle, o excelso doutrinador do regimen democratico, soubera enflorar aos labios quando, como dentro de um sonho de poeta, surgia-nos envolto em claridades de apotheose!



Gothardo Netto

Gothardo Netto é um dos espiritos noveis que, entre nós, alentado pela febre de amor ás lettras, cultivava carinhosamente a arte das rimas.

Filho legitimo do velho professor José Ildefonso Emerenciano e d. Ignacia Florinda Emerenciano, nasceu o illustre moço aos 24 de julho de 1891.

Ao iniciar a aprendizagem das disciplinas escolares recebeu do seu genitor o baptismo affectuoso das mais proveitosas lições.

Auxiliado na perseverança do estudo pelos irradiantes clarões de uma intelligencia promissora, vi-mo-lo, depois, frequentar ás aulas do Atheneu Rio Grandense, conseguindo ultimar satisfatoriamente o curso de preparatorios.

A exiguidade das finanças de seu honrado pae, antigo servidor do magisterio publico, não lhe permitiram realizar, até agora, a sua mais erguida aspiração: matricular-se, em direito, numa das nossas preconizadas Faculdades.

Aguardando, talvez, o alborecer de melhores tempos, Gothardo Netto que, desde poucos annos, revelara um pendor natural para a poesia, talhada á feição elegante do parnasianismo, se encerrrou, descuidosamente, entre as paredes esburacadas de um tugurio humilde, devorando jornaes baratos, folheando revistas casquilhas, lendo e relendo os mestres da arte florida de imagens, recamada de sonhos

Começou, então, a produzir; mas somente á sua pasta de caloiro imberbe confiara o segredo encaente de suas primeiras rimas.

Só em 1901 surgiu-nos na imprensa, marcando

essa época o melhor desenvolvimento de sua aprimorada inteligência.

Aos invejáveis requisitos de poeta de largos surtos, alliaa Gothardo Netto as subtitezas de chronista fulgurante.

Os labores de seu estro hão enfeitado, quase sempre, os nossos jornaes.

É, certamente, pelo lampejar do talento, pelo reflorir da inspiração que em, volta de seu nome, para essa aura de sympathias, formada ao influxo da affectiva popularidade estabelecida, dest'arte, entre o povo e um dos poetas de seus maiores gabos.

O artigo vibratil e patriótico, a chronica saltitante e leve, o verso mavioso e fluente entram, por assim dizer, na formação da polychromia de sua pena de escriptor apaixonado e moço.

Pelo feitio complexo de sua personalidade intellectual, Gothardo Netto é um dos nossos consagrados belletristas.

Os vôos altaneiros de sua imaginativa, a cadencia magnifica de seus versos, o carinho rithmico com que sabe apertar as perolas da rima ao seio crystallino das estrophes, fizeram-no realmente poeta, na integral accepção desse nobre vocabulo.

A grande verdade, porém, é que elle terá começado por onde outros, muitos outros, não conseguirão terminar.

Sejam estas linhas insulsas o brinde de honra com que, pelo seu natalicio, enaltecemos o espirito illuminado e novo de um novo e illuminado bohemio, ainda desconfortadamente installado na vida.

12 de Junho

Transcorre hoje mais um anniversario da morte desse ardoroso propagandista da Republica, padre Miguel Joaquim de Almeida Castro.

Relembremos, como patriotas, o desprendimento com que *Miguelinho* marchou para a morte, preferindo «succumbir qual novo Socrates, a sobreviver como Galileu».

Que exemplo edificante de amor á Liberdade!

Mas, nem o absolutismo de um governo insidioso; nem a prepotencia de mandões pequeninos, aliados á tyrannia da força, conseguiram esfarrapar a belleza moral do grande apostolo do civismo.

Ainda bem que assim devia ter sido.

Ainda bem que assim o foi.

Faz-nos estremecer de patriotismo e pasmar de admiração o defluir dessa data gloriosa.

E' que evocamos, carinhosamente, a personaiidade desse nobre espirito, que foi *Miguelinho*.

Parece-nos vê-lo ainda affrontar, do cimo dos ideaes de liberdade, o imperio de preconceitos abominaveis, a tempestade de odios multipotentes que procuravam absorvê-lo, diminui-lo, apaga-lo, talvez, á luz aureolante da Historia.

Bem poucos annos decorrem que, nesta gleba, se realizou, em torno á memoria do heróe rio-grandense, a mais brilhante apotheose a que temos assistido.

Pagámos uma divida de honra.

O presente despertára, para sagrar o passado.

E como não ser assim?

Fôra elle que, na explosão surprehendente de

uma bemdita ousadia, deixara drapejar a flammula rubra do patriotismo que borda nas leis regeneradoras e liberrimas o epinício de seu triumpho.

Que importa tenham manchado de sangue a sotaína poida do frade revolucionario?

Os que assim tombam não morrem, desaparecem...

Mas desaparecem glorificados, para todo sempre, pelas bençams consoladoras da patria.



Carta Aberta

Aos moços da «Escola Commercial Nocturna», em Macau.

Athenéa!

Tivemo-la, entre mãos, ha poucos dias.

Folheámos, demoradamente, seus primeiros fascículos.

É uma interessante revista local.

Essa publicação, vem-n'a dirigindo Lopes Filho, espirito emprehendedor; Francisco Menezes, intelligencia ardente e promissora; e Eduardo Pacheco, o moço poeta que anda a ver a «alma de sonhos mortos percorrendo o templo» onde elle imaginára perfumar do incenso generoso de seus versos o vulto doemente pequenino da perturbadora santa que o fizera o mais submisso dos feiticistas.

Mesmo liberta de sentimentos extranhos á firmeza de seus designios, não vaticinaremos á *Athenéa* larga existencia que muito nos alegraria, talhada á feição duradoura de Mathusalém.

Que querem? Têm sido innumerados os emprehendimentos dessa feição, mas tantas e tão amargas as desillusões !...

A lição dos tempos e a logica dos factos se nos revelam mestras singulares e inconfundiveis. E foram ellas, na frieza glacial de uma sabedoria bem dissimilhante dessa que, em recuados seculos, dera relevo á figura patriarchal de Salomão, que n'alma nos incutiram essa parcella de descrença.

Será isso uma rabujice de quem já realizou a ascenção dos 40?

Talvez não...

Mercê de Deus, a velhice poderá alquebrar-nos o corpo, sem conseguir assaltar-nos o espirito.

O contrario será a inversão dos nossos anhelos. E não pretendemos muito.

Outros, por ali a fóra, devem sonhar com uma canonisação litteraria.

Amen.

A radiosa visão da gloria doira, quase sempre, as pupillas do egoísmo. Mas, desgraçadamente, para espinhar-nos a vaidade, foram estabelecidos os preceitos inviolaveis da natureza.

Rapamos a barba, o bigode inclusive, para jubilo da moda irrequieta como as borboletas e exigente como os avarentos, mas nem por isso parecemos mais jovens ao crystal do espelho que, paradigma da vaidade, nem por isso deixa de pillar-nos as primeiras rugas, os primeiros cabellos brancos que são, por assim dizer, prenuncios consternadores do crepusculo da vida.

E, então, adeus, illusões!...

Adeus, sonhos!...

Mocidade, adeus!...

Ai dos que vivem sem viver, por não terem, talvez, o que recordar...

Mas deixemos as abstracções.

— Quando, por ventura nossa, aportámos a essa querida Macau, dona da estima e senhora da saudade dos que, como nós, se captivaram de sua fidalguia, não fomos absolutamente inuteis á bôa sorte das letras.

De envolta com o illustre dr. Eduardo Dias, o piedoso padre Joaquim Honorio, e sob a gerencia desse estimavel rapaz tremendamente calvo, que é Virgilio Pinheiro, fundámos o *Patria*.

Esse jornal, pela exiguidade de seu formato, verdadeira antithese á epigraphe com que o teriamos coado, morreu sem quase viver.

A origem dessa inesperada solução tivemos-la nós na indebita e cavillosa interferencia de preconceitos maus, desvirtuadores, que se fazem, do senso moral das sociedades ainda no periodo colleante de sua floração.

Mezes passaram.

Depois, na amavel companhia dos talentosos irmãos Antonio e Mario de Oliveira, davamos á *Folha Nova* a responsabilidade redactoral de nosso obscuro nome.

Por vezes distinguida com a preciosa collaboração das poetizas Dulce e Olga Avelino; as ironicas *Estalactites* do dr. Manuel Montenegro, e os versos facetos de Antonio Cacho, adoravel e buliçoso bohemio, a *Folha Nova* teve, por algum tempo, a bôa fortuna de muitas sympathias, na terra do sal.

Estimulos despertou o seu apparecimento. Argemiro Prestes e Eduardo Pacheco, reunindo esforços á margem do mesmo ideal, concertaram a creação da *Fiat-Lux*, que rapidamente fulgiu e se eclypsou rapidamente.

Retirámo-nos de Macau.

E com que pezar o digo!...

A *Folha Nova* permanecia em seu posto.

Mais vibratil e mais garrida, começara a enfeitar-se com as joias litterarias fundidas na joalheria intellectual de Othoniel Menezes.

Só mais tarde, abundancia de resentimentos e escassez de nickéis, afastavam-n'a do convivio honroso do jornalismo patrio.

Tanto bastou para encher-se de tristeza a alma desse modesto, mas apreciavel artista typographo, Epiphanio Noronha, a quem confiáramos a parte material da *Folha Nova*.

D'ahi em deante, a insaciavel curiosidade dos leitores, nesse rincão generoso e amigo, toda se voltára para as informações ministradas pela Capital, com a remessa incompleta e preguiçosa de varias gazetas.

Macau entrára, conseguintemente, na phase lastimavel da adynamia intellectual.

Revoltado contra essa inercia de vencidos, fazendo circular os primeiros numeros d'*A Noticia*, surge na arena, de lance em riste, armado á cavalleiro, o bizarro sacerdote Affonso Lopes.

Mesmo de longe, peçira o padre o fragil concurso de nossa modesta collaboração. Mas, ao prazer de servirmos ao amigo, antecederá a noticia, logo confirmada, do desapparecimento d'*A Noticia*.

Não indagámos a causa dessa inesperada resolução.

Reflectimos e fomos encontra-la presa ao critério de conveniências rasoaveis.

Ao desastre do jornal do clérigo, seguiu-se a suspensão do travesso *Binoculo* e da esfuziante *Bombarda*.

Estes ultimos, após terem aberto portas á franquia do riso, não conseguiram fecha-las ao raivar de prevenções ardilosas...

Ao nosso ver, a critica, pela insolencia dos seus esgares, merece o desprezo. Mas convenhamos—chacotas escriptas não tisnam. Dichotes impressos não enlameiam. Golpes de ironia não se rebatem a pedradas.

É revivendo essas paginas de vida transitoria do jornalismo macauense, meus queridos amigos, que, mau grado a formosura dos principios educativos do vosso artigo programma, ficamos a reear seja ephemera a proveitosa existencia da galante *Athenéa*, expoente do vosso incansavel trabalho, erguida intelligencia e alcandorado patriotismo.

Como sempre, permaneceis ainda no carinho de nossa estima e no alto de nossa admiração.



Um socialista

Elle fôra condemnado a entrar para a morte.
Assim resolvera a Junta Militar de Barcelona.
Assim confirmara o tribunal de Madrid.

Todos os espiritos lavados do egoísmo inflexível que eleva os fortes, abatendo os humildes, começavam a encher-se, para logo transbordar, do negror desse drama de sangue, em elaboração.

Uma vida de menos revelaria uma torpeza de mais.
As leis iníquas não deviam triumphar.

A altivez da opinião encerra, quase sempre, a philosophia de sua moral na pureza de sua essência.

Os olhares de toda gente lá estavam, lá estariam, volvidos para esse que Georges Renard divisaria como individuo e ser social, pesado á consciencia do rei como se fosse a estatua em bronze da insubmissão e do terror.

Por toda parte clamores repontavam, a profligar a hediondez do tragico acontecimento que o ministro-chefe ousaria precipitar, abrindo fundo a sepultura moral do soberano altivo.

O grande socialista patrio não mais agitaria idéas ameaçadoras da tranquillidade dos governos que, só pela morte, arvorada em ignominia da lei, pensam em domar sedições.

A imprensa hespanhola batera, no apice da indignação, o encenar daquelle ultraje atirado ao seio da cultura nova.

Affonso XIII meditava nos meandros da situação a que se deixára arrastar.

Não esquecera, talvez, que os seus violentos designios, onde quer fizessem repercussão, maculariam a alma branca das collectividades.

Mas que importava a elle, o moço imperante, o protesto vehemente de outros povos, ante a monstruosidade da sentença de fogo que devia banir a vida de um homem feito pesadelo dos fulgidos sonhos de um monarcha joven?

Que importava a elle o explodir dos sentimentos rubros de toda uma legião de socialistas que, á sombra da mesma bandeira e dos mesmos principios, tramavam rebater a perpetuidade dos dynastas, impellidos pela febre allucinadora dos ideaes que os irmãram?

Que importava a elle rasgar para a Hespanha um novo periodo de agitações politicas, de desforços insuperaveis, de calamidades mortificantes, quando se lhe offerencia occasião de fazer sentir que na côrte da patria de Castellar reinava, acima das aspirações liberaes, o imperio de vontades que não sabiam recuar, sem vencer?

E foi na fortaleza de Monjinch, em manhã de outubro, que o fizeram passar pelas armas.

Mataram-n'o!...

Como não florescer a idéa que movimentára Catalunha?

Ferrer, em quem se tivera uma ameaça ás regias instituições que Affonso XIII tão sobranceiramente procura manter, robustecido pelo direito da força, deixou-se fuzilar!...

E nem uma queixa, nem uma phrase, nem um gesto que o revelassem transfuga dos sentimentos de honra!...

Ao retirar-se da vida, como lhe parecesse ter deante dos olhos a visão relembadora do socialismo universal, apenas isto:

— VIVA A ESCOLA MODERNA!...

Depois... mais nada!...

Pobre Hespanha!... Que serão, amanhã, os teus dias de hoje?

Combatem se opiniões, enclausuram-se cúmplices, fuzilam-se agitadores, mas não se estrangulam ideas.

Basta !...

É tempo de abolir-se essa lei funesta que tinge de vermelho a toga dos juizes e forra de maldições a corôa dos reis.

É tempo ainda de renegar-se a sêde insaciavel das vinganças barbaras.



A terra dos gerimús

Quem conheceu outr'ora esta bôa Natal é que bem pode avaliar a transformação operada no seio reconfortante da bisonha cidade patricia.

Por serem muitas as manifestações do quanto temos avançado, já se vae tornando enfadonho reproduzir conceitos, detalhar melhoramentos de que tanto precisamos e vamos conseguindo.

Natal!...

Chamaram-n'a, em dias arredios -- a terra dos gerimús!

Mas ponhamos de parte os dardos da ironia causticante e rude de incorregiveis bohemios e borde-mos aqui, *a la minute*, os commentos cahidos ao bico da penna.

Até poucos annos, toda gente o sabe, nada absolutamente valiamos, porque absolutamente nada tinhamos.

Viviamos apagados, numa inercia lamentavel, que nos caracterisára vencidos pela propria atonia.

Não conheciamos o conforto do estímulo.

Não cultivavamos o poder da vontade.

Eramos pobres, muito pobres, se não de espirito, ao menos de iniciativa.

Não sabiamos combater.

Era logico não soubessemos triumphar.

O nosso mais alto interesse consistia, apenas, em pleitear e conseguir as migalhas de qualquer emprego, porventura bastante a assegurar a deglutição do *panem nostrum quotidianum*.

Satisfeitos os nossos anhelos, não chegavamos á evidencia de deveres outros que se não rela-

cionassem com a inalterabilidade do trabalho inconstante e modorrento mas, não obstante, estritamente necessario ás alegrias confortadoras do estomago.

Andámos desse modo subjugados sempre ao servilismo de uma culposa indolencia que, se mais prolongada fôra, cavaria então o apodrecimento do nosso feítio moral.

Um movimento, um gesto, sequer, não soubermos ter que indicasse o mais ligeiro aneio de sermos uteis ao adoravel rincão da patria commum.

Felizmente, implantadas as instituições republicanas, raiaram novas esperanças, reformaram-se velhos habitos, palpitarão outras aspirações e, haurindo seiva de vida nova, permittimo-nos revoltar contra essa criminosa indifferença, causa de nossos males, origem de nossas penas...

Libertos da malandrice ignobil a que, por indole e por educação, nos deixámos arrastar, harmonisámos idéas, concertámos planos, conjugámos esforços e, fortalecidos pelo patriotismo dos nossos governos, tivemos de exclamar *unna voce*:

— Tudo pelo Rio Grande do Norte!

— Tudo pela terra dos gerimús!...

E o certo é que a Natal de hoje vae se nos mostrando diametralmente opposta á Natal de hontem, para só alludirmos á louça de casa, como se costuma dizer.

A feitura dos melhoramentos, das remodelagens, das novidades, está nos sahindo superior á encomenda.

Já temos luz e bondes electricos, fabrica de gelo, theatro, cinemas, ruas e praças calçadas e franjadas de arvores, jardins publicos, billhares, cafés e muitas outras coisas ao sabor dos hospedes importunos e dos visitantes exigentes.

E, por fim, para não nos chamarem, lá fóra, retardatarios, Natal inaugurou, á avenida «Tavares de Lyra», o seu irrequieto salão de *maxixe*!...

Ás noites de sabbado, num pavimento superior, contiguo á *Porta do Sol*, onde se come excellente *sandwich* e se bebe magnifica cerveja, reúnem-se rapazes alegres e mulheres divertidas, para as delicias tentadoras do *maxixe* insolente e provocante...

Dizem-n'o uma dansa genuinamente brasileira, que, uma vez, transpuzera os mares exhibindo-se na Argentina, onde fez impar de enthusiasmo representantes mesclados daquelle povo amigo, mas muito amigo mesmo de seu egoismo, de sua vaidade, de suas ambições e de suas avenidas...

E esse *maxixe* soube despertar, além dos mares, as sympathias de uma joven princeza londrina, quando, no requinte de seus caprichos de mulher elegante, não poude resistir ao desejo de ter a seu lado certo professor de choreographia, para ensina-la a saracotear a famosa dansa appetecedora...

Ai, o *maxixe*, o *maxixe*!...

E depois, digam-me cá, por favor, se Natal, a terra dos gerimús, na phrasede casquilha e mordente daquelles trefegos bohemios, progride, civiliza-se, moderniza-se ou não?...

De relance

Nós, os d' *A Republica*, fomos mimoseados com o offerecimento de um livrinho de contos vaporosos e versos romanescos, da lavra de dois estimaveis bohemios.

O primeiro, sr. Jorge Fernandes, é um rapaz trabalhador e honesto.

Exercendo sua actividade commercial em torno do balcão de uma importante tabacaria, nem por isso vemo-lo descurar o cultivo das lettras.

Agora mesmo, ei-lo a ensaiar-se, vacillante, embora, nesse ramo de litteratura alegre, travessa.

Ao lê-lo, ousou exclamar como o poeta:

“Deus acompanhe o peregrino audaz”,

se é audacia desses moços atirar á luz appolinea a imprensa coisas escriptas a *la diable*, sem pedanterias de forma nem alambicados de linguagem; se é ousadia desses plumitivos affrontar a indiferença dos burguezes com uma duzia de pilherias que nem ao menos conseguirão faze-los espirrar, pela abundancia da pimenta...

Será, porventura, um attentado violatorio da debilidade das algibeiras alheias a publicação de um livro nos tempos que atravessamos, do mais requintado utilitarismo?

Respondam os homens praticos.

Eu bem sei, sabemos todos, e melhor percebe o sr. Fernandes, que tristezas não pagam dividas.

O segundo, sr. Ivo Filho, é um ephebo que se vem fazendo pelo esforço, pelo estudo e pela intelligencia.

Modesto auxiliar de certa repartição postal, as suas aptidões burocraticas são ali justamente apreciadas.

Novel sonhador, que é, nas azas ainda frageis, mas voejantes, de sua imaginação, deseja, aneia, idealiza subir á torre azul da Poesia que Azevedo Sobrinho dissera existir, enquanto não desaparecer o eterno feminino.

No entanto, não pensava assim Anthero do Quental, a cuja opinião se alliára Viveiros de Castro, nas *Ideas e Phantasias*, ao proclamar que o seculo XIX estava destinado a ver se apagarem os ultimos versejadores, assim como já vira os ultimos crentes.

Prophecias de poeta. . .

Não discutamos revelações apavorantes, á Mucio Teixeira.

O verso continua a inspirar muitas intelligencias, e a crença, mercê de Deus, não se extinguiu ainda nem se extinguirá jamais do espirito docemente suggestionavel das collectividades.

Tudo vae bem, muito obrigado. . .

Neste momento, em que serios entraves á vida afanosa nos fazem estacar, a cada passo, amortalhando esperanças, sepultando illusões, talvez não chegassemos a ler os *Contos & Troças — Loucuras*, se não fossem elles singelamente talhados por esse par de plumitivos que, certo, muito querem a palavra de estímulo dos criticos indulgentes.

E' licito encorajarmos os que, como os srs. Jorge Fernandes e Ivo Filho, se arrojam á exhibições desse genero.

Ellas representam, ás vezes, um protesto contra a improductividade dos que se deixam atrelar á indifferença do *meio*.

Incentivemos os *novos*.

Uns trechos de prosa casquilha, juntos a duzia e meia de sonetos effervescentes, equivalem, sem rugas de constrangimento, a moderadas, mas favoraveis allusões escriptas.

Não semeemos ventos. . .

Évitaremos, dest'arte, colher tempestades. . .

E, se este não fosse o nosso intuito, diria-

mos, todo amabilidades ás duas juventudes patricias, srs. Jorge Fernandes e Ivo Filho... Mas, não ! E' preciso observar o que, em tempos idos, nos ensinára o venerando e venerado Accacio :

—Conselho e tabaco, dão-se, apenas, a quem os pede.

E aqui ficamos, palitando os dentes.



Palestrando...

.....

Contaram-me, e eu quero relatar-vos, um caso interessantíssimo.

Não o sei, porém, onde ocorrido.

—Joven patricio, amigo das letras e cultor do progresso, realizára a montagem de uma pequena empresa typographica.

Feito isso, acarinhara a idéa da fundação de um jornal, defensor energico de todos os direitos violados, estímulo constante ao desenvolvimento da industria e da lavoura, emfim, tribuna popular de onde toda gente pudesse dizer sobre homens, factos e coisas da actualidade.

Arranjou-se a louçania intellectual da nova gazeta.

Trabalhou-se a feição material.

A curiosidade publica começava a inquietar-se.

Rumores por toda parte...

Por toda parte, ancia insoffrida em saber-se o rumo politico do jornal.

Confiantes na torneira dos favores, os governistas esperavam a sua adhesão.

Seria um triumpho, pelas circumstancias da força...

Encastellados no seu sonho de liberdade, a opposição tinha seguro o seu apoio.

Seria uma victoria, pela força das circumstancias...

No adro da igreja teciam-se commentarios.

Nas rodas familiares tiravam-se conclusões.

A' porta das bodegas os vaticinios irradiavam.

O boato, o trefego boato, peralvilho incognito

e imprudente das ruas, inquietara a cidade somnolenta, pacata, burgueza.

Marcára-se, finalmente, o dia natal do *Regenerador*.

Não fôra pequeno o reclamo.

Haveria uma solemnidade festiva, ruidosa.

Trechos de musica alegrariam a terra.

Grupos de foguetes cortariam o espaço.

Flores de rhetorica perfumariam o ambiente.

A cerimonia seria regada a taças... de cerveja.

O director do periodico espalhara convites impressos.

Fôra solicitada a comparencia do escol do logar.

O prelo receberia a excelsa bençã do compadre vigario.

A presença de dois belletristas da terra, philosophos do *meio*, havia, com insistencia, sido reclamada.

Desde então, o *Orador Popular* não mais descansára...

Suas paginas começaram a ser remexidas com a mesma solicitude, o mesmo desvello com que o coronel Freire costuma archivar as mensagens telegraphicas do compadre Pedrinho.

Licença para um parenthese:

Parece não estardes satisfeitos com as preliminares desta narrativa?!

Tende paciencia.

Não bocejeis, a menos que o dr. Amorim, dentro de suas banhas orçamentarias, e o dr. Fonseca, no requinte da elegancia petroniana, vos tenham inoculado ás veias formidavel injeccão de morfina...

Segui o exemplo do dr. Correia.

O illustre magistrado está a ouvir-me com tamanho interesse que nem se lembra de roer o bigode.

Reparai...

Mas enveredemos pelo caminho primitivo.

Chega, finalmente, o dia aprazado á festa inaugural d' *O Regenerador*.

Muitos cavalheiros estacionam no recinto da sala esconsa de modesto edificio.

E' ali o campo de combate, a trincheira de guerra de mais um florão de Guttemberg.

Ouve-se o gemer de um prelo.
 Movimentam-se os olhares.
 Ha sorrisos de alegria.
 O auditorio exulta...
 A ansiedade cresce...
 Espirra, entre effusões de enthusiasmo, o primeiro numero de mais uma folha regional.
 São explicados os motivos da reunião.
 O povo já se não revela hostil ás coisas do espirito.
 A festa assume proporções de um bello acontecimento.
 O jornal anda por todas as mãos.
 Aqui produz regosijo.
 Ali provoca admiração.
 Acolá desperta risadas.
 Alguem pede a palavra.
 E' um letrado, sem letras, da terra.
 Todas as atencões volteiam-n'o de sympathias.
 Tempera a garganta...
 Leva o lenço á testa...
 Volve os olhos para o alto, como procurando o fogo sagrado da inspiração.
 Apalpa o terreno.
 Reune as phrases.
 Sente-se fortalecido pela memoria.
 Lembra-se perfeitamente do nada que escrevera e do todo que decorára.
 Não ha receio de emperrar...
 E, certo da retentiva lhe não mentir fogo como em pleno espectaculo, a celebre pistola de um amador dramatico, que teve de recorrer ao estampido de um *tiro de bocca*, repellindo um desses patifes de theatro, o orador dispara em considerações de alta eloquencia sobre a importancia da imprensa no destino das nações, dos povos, das collectividades.
 E fal-o com tal desembaraço que bem recorda uma dessas machinas gramophonicas a que se vesse dado toda corda para o divulgar de trechos melhantes.
 O tribuno despede-se da tribuna.
 Chovem aclamações.

Estalam palmas.

Muitos cumprimentos...

Muitos parabens...

Muitos abraços...

A tudo isso, correspondem phrases de modestia desfarçada, vaidosos sorrisos de prazer.

Silencio!...

Fala-se n'outra exhibição tribunicia.

Balbucia-se o nome de um novo orador.

Elle ali está.

E' teso como um prego e pallido como um cirio.

Mas, como assim?

Parece esconder a explosão de uma colera surda.

Devora, de olhos em chaminas, o vulto esbelto, erecto, varonil, desse confrade que acabára de rouba-lo...

Rouba-lo, como?

Recebendo ovações que sonhara reservadas á apotheose de seu nome.

Seriam infalliveis.

Não o deixaram, porém, ser o primeiro a reboar o verbo magico, ardente, nervoso como um clarim de guerra.

Acclamam-n'o!..

Ha rumores de alegria.

Voltam-se todos para elle.

Todos o fitam.

Elle deve corresponder a esse movimento de carinho.

Não o faz...

Continúa inerte, quedo, indifferente.

Evita contacto com a tribuna.

E, nesse particular, a sua intransigencia lembra a do major Etelvino que, para não enfartar os freguezes, insiste em lhes fornecer uns pães pouco maiores que a nossa unha polegar, mas um tantinho menores que o Pedro Custodio.

E' afflictiva a situação do pobre moço.

Sua magua, talvez, ignorada como essa profunda tristeza que amortalhou na noite da inconsciencia a alma gemente desse misero João Molle, cuja des-

ventura Celso Filho bordara nos contornos garlantes de sua prosa irisada.

Subito, sente safanões ás abas do frack.

Volta-se...

Desolação!..

Preso ao seu lado, como ostra ao rochedo, o promotor da festa.

Chegãra, como costumam dizer, ao fregir dos ovos.

Queria ouvir de perto o cascadear dessa nova eloquencia.

Ha muito, enalteciam na terra os talentos do rapaz.

—Então, que fazes? interroga o jornalista.

—Que hei de fazer? respondeu elle.

As aclamações continuavam.

—Anda, desembucha! Já ouvi falar no teu discurso.

—No meu?

—Sim. Está magnifico!

—Sei disto, sei, mas...

—Mas, o que?

—Não pode ser.

—Por que? Vamos, explica-te.

—Porque aquelle patife (e apontou o orador feticitado) desmanchou-me a figura...

E' facil comprehender o alcance da recusa.

Os interessantes cleptomaniacos da litteratura barata haviam bifado, para os mesmos fins, o mesmissimo discurso.

E nem por isso recearam os protestos do autor d'*O Orador Popular*, surrateiramente esbulhado em seus direitos de propriedade.

Digam-me, depois, se mais entendido do que esses intellectuaes, no arranjo dos trechos litterarios, não é o João Macedo nos estudos da mechnica?

Ninguem contestará...

Pela ribalta...

O *Gymnasio Dramatico* recebeu, ha dias, com muito prazer, a noticia de que o *Theatro Carlos Gomes* vae hospedar a brilhante companhia dramatica dirigida por Lucilia Peres, uma das mais festejadas artistas brasileiras.

Esse acontecimento, para nós, que vamos acolhe-la, marcará uma grande distincção, iniciando, para ella, uma nova colheita de applausos de todo um publico que lhe poderá ser inteiramente desconhecido, mas nem por isso ignora os seus constantes e desvanecedores triumphos á luz do proscenio.

Lucilia Peres vem collocando a belleza de sua plastica e as modalidades de seu espirito, equilibradas á mesma altura, ao serviço emocional dessa divina Arte que continua ainda e continuará sempre a despertar a attenção dos centros cultos.

Para isso, basta não n'a esquecerem os privilegiados do talento—Coelho Netto, Paulo Barretto, Gomes Cardim, Gastão Tojeiro, Medeiros e Albuquerque, Oscar Guanabario, Roberto Gomes, Bastos Tigre, Eutorgio Wanderley, e tantos outros incentivadores da dramaturgia nacional.

A elles e, principalmente, ao illustrissimo director da Escola Dramatica, no Rio, deve o nosso theatro, com o fulgurante patrimonio intellectual recebido do saudoso comediographo patrio Arthur Azevedo, o carinhoso acolhimento das mais exigentes e adelantadas platéas do Brasil, onde quer que as suas peças já tenham sido re.resentadas.

Não serão, de certo, as maravilhas da cinematographia moderna, primando pelo serpear do odio

Trabalhemos pela evolução.
 Evolver é progredir.
 Progredir é aproar para a perfectibilidade.
 O trabalho nobilita.
 A instrução aperfeiçoa.
 Nobilitar é engrandecer o caracter.
 Aperfeiçoar é illuminar o cerebro.
 Sem o trabalho, onde os avanços do progresso
 material?
 Sem a instrução, onde a base primitiva do
 progresso intellectual?
 Confraternizem-se esses dois poderosos ele-
 mentos.
 Dessa fusão resultará o romper de mais largos
 horizontes.
 Nos prelios do pensamento, em que fulgen-
 teiam clarões, transparecem mais glorias.
 Incentivemos a juventude.
 Revoltemo-nos contra a nevrose da descrença,
 do scepticismo, da madraçaria.

*
*
*

Com que avidez carinhosa de beijos maternas,
 com que ancia febril de blandicias enternecedoras
 não foram risonhamente acolhidas no santuario do
 lar, ao voltarem do seio da igreja, os bons e estu-
 diosos meninos do *Circulo Pio X*?

Deus abençoe "esses pedacinhos de gente, es-
 ses três palmos de creatura" que—ungem as syllabas
 da lição com o balsamo da prece.



7 de Setembro

Rememoremos hoje um dos feitos mais notáveis da vida histórica do Brasil colônia.

Assim fazendo, toda a nossa alma vibrará de entusiasmo, na claridade dos sentimentos patrios.

Vae para muitos annos, fizemos a Abolição, o sonho doirado de Joaquim Nabuco. e o doirado sonho de Pedro Veelho.

Vae para muitos annos, fizemos a Republica, o supremo ideal de Benjamin Constant, e o ideal supremo de Silva Jardim.

Mas, antes disso, firmáramos pela audacia e pela bravura a integridade da soberania nacional.

Foi na segunda phase do collonato.

Começavam a palpitar melhor os interesses inconfessaveis dos braganças.

O Brasil despertara da inercia primitiva em que o collocára o revoltante periodo de adynamia aguda a que o submettera a nossa desgraçada imprevidencia.

Era de mais esse abatimento moral, essa humilhante resignação a que nos arrastára a metropole portugueza.

O brado epico, que se não perdera ás margens do Ypiranga, concretisou a bem dita revolta do sentir brasileiro, em demanda de uma conquista justa, meritoria, dignificadora.

Foi a 7 de setembro de 1822 que, num aneio de ave ferida, estilhaçámos os grilhões do jugo lusitano.

Começámos a viver então. E o Brasil, vasta, fértil e bellissima região Sul-Americana, conseguiu nive-

lar-se ás nações independentes, alentado pelo sonho inenarravel do futuro.

Agimos em demanda dos mesmos direitos, das mesmas regalias fartamente, prodigamente distribuidas á outras nacionalidades.

Um formoso movimento patriótico bastou para resolver o problema transcendental de nossa emancipação politica.

Deante desse imponente acontecimento, como esquecer a data que hoje deflue ?

Prefaciando as suas *Revoluções da Italia*, Quinet escreveu esta eloquentissima phrase :

—Desgraçado do homem que não sente alegria com o renascimento e a liberdade de um povo.

.....

Somos, finalmente, livres.

Somos, finalmente, fortes.

Chocaram-se interesses.

Fomentaram-se paixões.

Rugiu a colera de odios inconfessaveis.

Mas, o triumpho conseguimos-lo nós.

Bemdito sejas tu, glorioso sol da liberdade, que golpeaste de luz os avanços da Civilização.



A Liga do Ensino

Têm-nos despertado o maior interesse os artigos doutrinarios a proposito da idéa da fundação, nesta Capital, da *Liga do Ensino*.

E nem pode deixar de ser assim.

Essa idéa já se fez vencedora.

Celebrou-a como palpitante realidade a palavra persuasiva e correcta de H. Castriciano.

Os espiritos bons receberam-n'a com enthusiasmo.

Sagraram-n'a, com enthusiasmo, os bons espiritos.

Os que se não cansam de oppôr séria resistencia á intromissão de obstaculos á marcha do esforço colectivo, deram, sem delongas, á *Liga do Ensino*, as suas sympathias.

A *Republica* deve orgulhar-se de ter se constituido tribuna primordial dessa ardorosa campanha largamente favoravel aos interesses vitaes da educação nova.

E' que este jornal se fez o repositorio de varias theorias reveladoras, que são, do mesmo objectivo, e firmadas na competencia irrecusavel de grandes psychologos, para os quaes parece não mais haver segredos que desvendar no campo da sciencia educativa.

A *Liga do Ensino* representa, innegavelmente, um forte e brilhante impulso para a vida, progresso e civilização de nossa terra.

Não somos os primeiros, nem seremos os ultimos, a levar aos encarreiradores da idéa, em fóco, os applausos com que galhardamente a receberam os que formam na linha de frente dos belletristas rio-grandenses do norte.

Muito temos feito, temos trabalhado muito, é certo, de maneira honrosa, pela formação do patrimonio moral que melhor dirá a puridade das nossas aspirações.

Sentimo-nos quase libertos desse feio habito da inercia que, por longos annos, nos assaltara o espirito, entravando a solução de problemas de grande relevancia social.

Diminuíamos, assim, fugindo aos ditames da propria consciencia.

Já hoje, vamos nos aparelhando para defrontar os differentes aspectos da vida positiva.

A mulher patricia, sem deixar de ser o adorno dos salões, irradiará tambem na sublimidade de sua missão, no seio augusto do lar.

Não mais tudo esperamos da iniciativa dos governos.

O dr. Alberto Maranhão, porém, que tem sido o braço impulsor de toda uma phase de melhoramentos, não deixou de levar á *Liga do Ensino*, com todo entusiasmo, parabens espontaneos e merecidos.

Esta formosa região do norte lendario encontrou, felizmente, na claridade de espirito do moço governante garantia inarredavel á inalterabilidade de sua ordem e intensificação de seu progresso.



Nysia Floresta

Nysia Floresta vae ter o seu monumento.

E' isto o que dizem nossos jornaes.

E' isto o que expendem jovens representantes de associações diversas.

Foi no seio do *Congresso Litterario*, desta Capital, que a idéa floresceu, entre rajadas de enthusiasmo.

Vestiram-n'a de alegrias.

Forraram-n'a de estimulos.

Ella protuberou, cresceu...

Mas cresceu, protuberou, amparada á dignidade civica da pleiade dos *novos*.

Já hoje, vemo-la, para breve, objectivar-se na terra berço da patricia illustre.

Poucos dias mais, e a modesta villasinha norfista, que é Papary, terá despertado de seu proverbial silencio, de sua beatifica tranquillidade.

Um forte impulso de patriotismo vae aproxima-la do generoso pensamento da mocidade amiga.

Em torno do *Congresso Litterario* far-se-á, então, um halo de sympathias, ao realçar o nome dessa famosa intellectual, que foi Nysia Floresta Brasileira Augusta.

Um monumento!

Bôa e feliz lembrança.

Bello exemplo do que se pratica lá fóra, além dos mares.

Verdade é que o Brasil, ultimamente, se não tem recusado a cultivar, nas linhas do marmore ou nas formas do bronze, á memoria indelevel dos seus grandes eleitos.

Um facto verdadeiramente justo, di-lo emerito panegyrista luso, é sempre positivamente util.

Apagadas que sejam vidas esbanjadoras de tantas faculdades de trabalho e de talento, como não homenagea-las?

O verbo impetuoso e quente de erudicto parlamentar, já definiu ser a justiça, dentre as humanas virtudes, a mais fecundante das virtudes humanas.

Um preito de gratidão, que se evidencie, é uma divida de honra que se resgata.

Alegra-nos ver o espirito da juventude dignificar os que se elevaram pelo cerebro — fonte emana-dora da luz de toda e qualquer civilização.

O 12 de outubro, nessa pequena patria onde, pela vez primeira, palpitará o coração de Nysia, será um dia de solemnidades augustas.

Elle evocará, talvez, aos dignos moços do *Congresso Litterario*, a lenda medieval de Martin de Freitas que, ao rei exilado e morto depois, em Toledo, levára as chaves do castello para, assim, perpetrar um dever, manifestando os seus erguidos sentimentos de honra.

Chroniqueta

Tres grandes perdas !

Tres dolorosos acontecimentos maguaram profundamente a alma branca do Rio Grande do Norte intellectual, nesse mez em que os libertadores, num bello impulso de integridade civica, baniram, para sempre, a nodoa infamante do escravagismo que, por tão dilatados annos, constringera o valor moral de todo um povo accentuadamente progressista.

*
* *

Hontem, Antonio Marinho, o insigne operario das nossas letras, o critico novel d'*A Tribuna*, depois de revelar os dotes preciosos de seu espirito, a pujança admirável de seu talento, cerrava palpebras á vida num modesto recanto de terra patricia.

E lá deixamo-lo nós dormir, até hoje...

E lá deixamo-lo nós permanecer ainda, não esquecido pela saudade de todos os nossos dias, mas deslembado pelo nosso desvelo; pelo nosso affecto, pelo nosso carinho, que já lhe deviam ter feito a translação para uma nesga silenciosa da terra que lhe foi berço, que lhe foi vida e lhe devera ser tumulo.

*
* *

Seguiu-se, depois, a tremenda catastrophe do *Pax* em que Severo, na sua deslumbradora visão de augusto arbitro da solidariedade humana, aspirára ascender á torre de marfim dessa gloria maior, entre as maiores glorias, que o sagraria o maior dos bra-sileiros.

«Vencido na terra, fez-se vencedor no espaço.
Cahindo-lhe o corpo, elevou-se-lhe o espirito.

Mas se ha vôos altaneiros que glorificam artistas, ha quedas monstruosas que immortalisam heróis.»

E foi assim; no bemdito aneio dos allucinados, que elle, para a sua patria, sonhára a conquista dos ares—tortura anonyma de outros espiritos como Gusmão, Guy-Lessac, Blanchard, Tessandier e outros que tentaram rumar a felicidade, visando o progresso que um publicista nacional definira ser a lei da historia.

Ultimamente, Gothardo Netto, perdulario das rimas, ao esbanjar as perolas de seu estro, entra para a morte como para a vida entrara, docemente arrimado á excelsa bondade de sonhadores amigos.

E esses, bem certos do jornaldear triumphante do colorista do *Folhas Mortas*, o não deixaram proseguir sem o estímulo cavalheiresco, sem o conforto affectivo á floração dessa existencia de bohemio retrahido e consternado, em que se deixára apagar o pobre Gothardo, numa clausura de monge, mas de monge enamorado da religião da arte, feita poesia; da poesia, feita sonho; do sonho, feito ideal...

Poeta!

Não mais nas cordas dessa theorba de ouro «a musica das cachoeiras possantes, a sonoridade das medalhas antigas.»

Cêdo partiste!..

Cêdo desapareceste!..

Mas como fugir ás leis irrevogaveis do solemne mysterio?

Tua memoria, no entanto, conservamo-la nós, envolta em claridade apotheutica.

E é bem por isso que, rodeando o teu nome, vimos dizer o hymnario de amor e de saudade que, um dia, surgiste a cantar docemente, quando, magua-

do e vencido, viste partir o cantor do *Gondolas*, nessa tarde languida, de um janeiro sombrio, ennevoado e triste :

Tu, que nos surtos immortaes da idéa
Foste grande, amantissimo, inspirado,
Lembrando o nobre e humilimo soldado,
Que morrera entre as lavas de Pompéa ;

Tu que, no verso ardente e apaixonado,
Cantaste o Amor, á Vida, á Luz e á Gloria,
Erguendo os feitos varonis da Historia
Das penumbras remotas do passado ;

Recebe o preito acalorado e forte
De almas extremes de emoção fingida...
—E' a Mocidade, que te amou na vida
E que te ama, inda mais, depois da morte !

.....
Maio !... Para que tambem nos roubaste, ainda
agora, esse beduino do Sonho, que tão harmoniosa-
mente sagrara, no doirado filão de seus versos —

A mais bella das morenas
De minha terra Natal ?...



Carta sem porte

Meu caro Costa Rêgo:

Quando estive no Recife ofereceu-me você o seu livro *Evocações e Panoramas*.

Recebi-o com o maximo interesse.

Li-o com muita avidéz.

Devorei-o de um folego, ligeiramente, prazenteiramente.

Sem desprimor para as hōas lettras pernambucanas, folgo proclama-lo um bonito florão de seu espirito.

Enlevado nas blandicias amenas de seu estro, admirei o arfar magnifico das azas alcandoradas de sua imaginação fertil, borboleteante, vigorosa, creadora.

Diz-se que, em nosso paiz, o apparecimento de um volume de versos é coisa vulgar.

Não contesto.

De mais, nem pode deixar de ser assim.

Nós, brasileiros, somos, por atavismo, naturalmente sonhadores.

Por muito sonharmos, pouco trabalhamos.

Abro parentese á casta bem afortunada dos homens requintadamente praticos.

São esses os triumphadores...

— O seculo é de negociastas e não de idealistas.

Lá está escripto, a folhas tantas, nos *Juizos Ephemeros*.

Fala-nos a intellectualidade moça, mas a autoridade forte, de Hermines Fontes, elegantemente aprumada nos tacões ponteagudos de seus lustrosos pantufos de príncipe do Parnaso.

Fazer versos e enthesostrar nickeis são funções diametralmente opostas.

Mas, rezam letras messianicas que nem só de pão vive o homem...

Concordo.

Não viverão, porém, os que, como você, no exaltamento da arte, erguidos aos corucheos da torre eburnea do Sonho, sentem —

Ancia de perfeição, ancia de gloria
De alcançar o fastigio da Bellesa.

O seu livro é um livro sem pieguices triviaes, sem modismos obsoletos nem arrepios de volupia estadeando a insolencia languida do goso conturbante.

A gente o lê delectosamente.

Você o não escreveu sob a nociva influencia de certas aberrações que, á luz do conceito de um critico — dir-se-iam pescadas em alcool, nos museus da teratologia hospitalar.

Todo elle vibra suavemente.

Todo elle suavemente impressiona.

Applaudo o seu estro.

Brindo a sua musa.

Que quer, meu amigo, os poetas enconcham tantas coisas bonitas na talagarça de seus versos!...

Versos...

O que são elles?

Venha ao encontro dessa interrogativa.

Responda-me dedilhando as cordas de azul e ouro dessa lyra maviosa:

Sonhos de gloria ou sonhos de martyrio...

Azas tontas da sêde do delirio

De correr mundos, de subir...

Coisas que o vento leva na carreira

E a gente fica a olhar a vida inteira,

Sem saber onde vão cair.

Todavia, acredito que não mais permaneça nessa duvida.

Já deve saber onde caíram seus versos.

Certamente, ás mãos pergaminhadas da noiva querida.

Parece-me vê-los cobertos de pétalas de rosa.
Como que os sinto orvalhados de beijos puríssimos.

Abro o *Evocações e Panoramas*, onde vive o seu querido romance de amor.

Copio, sem preferencias antecipadas, este soneto:

Partida

Dá-me, á franceza, tua mão de neve
Feita para a carícia e para o adejo,
Quero que a tua mão franzina leve
A rubrica innocente do meu beijo.

Vais partir... Realizaste o meu desejo...
Cumpre agora o que o medico prescreve,
E, se for opportuno e houver ensejo,
Pega na penna e, com vagar, me escreve.

Vamos, levanta as palpebras tristonhas...
Não penses, não vacilles, não te opponhas,
Que ha no beijo o respeito mais profundo...

E té asseguro, pela Luz Divina,
Ser a segunda dextra feminina
Que a minha bocca beija neste mundo.

Possuir o seu livro é um prazer.
Folhea-lo uma delicia.

Os que o lerem não lhe recusarão, sem o deslize de grave injustiça, as credenciaes de poeta. Mas poeta pela delicadeza do sentimento, estrutura da forma, colorido das imagens, arabescos do estylo; poeta, enfim, pelos arroubos cantantes da inspiração.

Creia sincero o meu elogio.

Quem verseja, como você, com tanta naturalidade e tanta doçura, deve versejar sempre.

Ninguem poderá suster o entusiasmo deante de poemas epicos deste quilate:

Sombra e luz

Foi na loura Germania. No transporte
Da sombra para a luz, clareava o dia...
Velho artilheiro, condemnado á morte,
Deante do pelotão, calmo, sorria.

Firme, sereno o olhar, sereno o porte,
A consciencia, parece, não tremia...
E assim, sereno e firme, cumpre a sorte
Sob o chuvaire da fuzilaria.

Um soldado, pupilas incendiadas,
Illuminadas de um estranho brilho,
Corre a beijar-lhe o sangue das feridas...

E murmura, de joelhos sobre a terra :
—Perdõa, ó Pae, o crime de teu filho,
E amaldiçõa os impetos da guerra.

*
**

A guerra!...

Sempre o egoismo sanhudo, a ambição revoltante,
a prepotencia feroz, ensopando de sangue a historia
de todas as patrias.

Até agora, não conseguiram florir as predições
de Mirabeau

O pacifismo universal continua a ser u'a miragem.

Onde a sonhada felicidade dos povos, sem a cohesão
desse alteado espirito de solidariedade humana,
de communidade fraternal?

Para que estabelecemos o consenso nobilitante da Paz,
se não sabemos reprimir os impetos terroristas da guerra?

Olhemos o Velho Mundo:

— Bramir de colera...

Rugir de odios...

Conflictos de armas...

Não vence a razão, vence a força.

E o Direito, na hora tremenda dos combates,
qualquer coisa mais fugaz e tenue e imponderante
que uma sombra; qualquer coisa equivalente ao
ether que os sabios, invadindo a seara dos poetas,
um maravilhoso poder imaginativo, phantasiaram
explicar certos phenomenos inexplicaveis.

Ao longe, vibrar de clarins...

Ruflar de tambores...

Troar de artilharia.

Ha herões manchados de sangue.

Ha covardes cobertos de lama.

Para uns — o estadear glorificador dos bronzes.
 Para outros — o silencio irrevogavel dos tumulos.
 No entanto, ha quem exclame:
 — Tudo pelo bem colectivo!...
 — Por amor da patria!...
 — Pela dignidade nacional!...
 Sacrilega ironia!...
 Cruel irrisão!...

Antes do ponto final, quero ouvir ainda o surdinar das cordas mansas desse violino que, em serenata, acordára a revoada dos seus delicados sentimentos:

Violino

Canta, geme, soluça a um luar de prata,
 A' paz do plenilunio, voz fagueira...
 Quem deste modo suas dores mata?
 Quem seus males desfaz desta maneira?

E' um violino que as lagrimas desata,
 Canto de cysne ou voz de lavadeira!
 E' Beethoven, cantando uma sonata,
 Dentro da noite immensa da cegueira.

Violino! Alma de musicos tristonhos,
 Infelizes, que foram noutras plagas
 Cantar a morte de seus lindos sonhos...

Naquellas cordas, que alvas mãos teceram,
 Anda o choro nostalgico das vagas,
 E a saudade das coisas que morreram.

Saudade... Suave tortura dos que, longe do bem querido, vivem dentro da sêda azul de um sonho doce, de um florido sonho, de um sonho intangivel de poeta, como soem ser quase todos os sonhos...

Mesmo assim, meu caro Costa Rêgo, como é bom a gente sonhar!...

O meu desejo era imprimir tambem nesta CARTA SEM PORTE, o *Elogio do sonho*, *Eterno thema*, *Almas irmãs*, *Banho lustral*, *Ciumes*, *Parasitas*, e outras cre-

ações que lhe foram inspiradas pela paisagem da Natureza onde «tudo é revelação para os olhos e penetração para o espirito».

Mas, nesse caso, copiariamos todo o livro que você lavrou isento das impressões fortes das *Flores do mal*, de Baudelaire; das *Nevroses*, de Rollinat; das *Odes funambulescas*, de Bainville e de tantas outras summidades poeticas.

Publicando o *Evocações e Panoramas* brindou, se não com uma prenda rara, ao menos com um mimo de valor esthetico, á bibliotheca da *Heliopolis*.

E é nessa excellente revista recifense onde se tem crivado o melhor de seu esforço, o mais util de sua actividade, o mais claro de sua intelligencia.

Felicito-me da preciosa offerta de seu applaudivel e applaudido rimario; que conservo enternecido, vestindo-o de agradecimentos muito sinceros e muito cordiaes.



Lucilia Peres

Um illustre collaborador da *Imprensa* bordou ultimamente leves commentarios sobre as personalidades artisticas dos mais apreciaveis elementos da companhia portugueza que acaba de encerrar, entre nós, sua temporada theatral.

O distincto critico patricio envolveu, então, no esplendor de phrases entunecidas de amaveis referencias — a graça saltitante de Cremilda de Oliveira; a firmeza do merito de Ferreira de Sousa; a correcção admiravel de Alexandre Azevedo; e o comico irresistivel de Antonio Serra, sem todavia esquecer, entre outros consagrados nomes, o nome consagrado de Lucilia Peres.

Muito bem!

Nada mais natural.

Nada mais justo.

Ella é, indubitavelmente, uma artista de realce forte e renome seguro.

D'ahi o ter-se imposto ás largas sympathias da opinião que lhe vem tecendo louvores ás irradiações do talento, vibratilidade do espirito, elegancia do porte e doçura da phrase, que lembra o papear madrugalesco de uma ave aquecida ao calor do ninho...

Quem a viu, em 1916, nos lances crueis, mas arrebatadores, d'*A Rajada*, de Bernstein; quem a contemplou nas transições de angustia, no *Beijo nas Trevas*, de André Lord; quem lhe penetrou a alma vestindo as illusões risonhas e as tempestades mo-raes, de Margarida Gothier, n'*A Dama das Camélias*, de Dumas Filho; quem teve o prazer ineffavel de ouvi-la nas *Mulheres Nervosas*, de Blum e Toche; em

Nelly Rosier, de Bilhand e Hennequin; n' *A Bella Lucinette*, de George Feydeau, e em tantas outras peças escriptas, quase sempre, pelo coruscante espirito francez, melhor definirá o irresistivel poder emocionante de seu trabalho.

Foi, a bem dizer, reconhecendo suas invejaveis faculdades de intelligencia, que Arthur Azevedo, o saudoso comediographo patrio, escreveu *O Dote*, aqui encenado, satisfatoriamente, pelo *Gymnasio Dramatico*, com o valioso concurso de Alvaro Costa, Córa Costa e Livia Maggioli.

A essa interessante peça, tecida á feição integral do naturalismo no theatro moderno, deu Lucilia Peres, na Capital da Republica, em primeira recita, perfeita e brilhante interpretação.

Estudando e reflectindo, creou a seu modo o papel de *Henriqueta*, que lhe reservara esse indeslembravel bohemio que foi, em nosso paiz, « a bandeira de misericordia » dos tão cruelmente depreciados artistas nacionaes.

E' que, orgulhosa de sua arte, ella sabe com arte e pela arte regular a naturalidade dos gestos, a expressão do semblante, a linha das attitudes, a cadencia dos passos e a musica suave da dicção a lhe irromper dos labios num frescor delicioso de setim.

E' de lamentar, porém, que Lucilia Peres se tivesse afastado dos muitos admiradores que outr'ora fizera no seio generoso e bom da platéa natalense sem nos apparecer, uma vez, siquer, á luz da ribalta onde receberia palmas em quantidade e flores em profusão.

E com que fremente alegria veriamos abrir-se, mais uma vez, o velario do *Carlos Gomes* para ouvi-la dizer conflictos moraes, para ouvi-la chorrilhar queixas de amor, mizerias doiradas dessa alma humana, eternamente incomprehendida, que « estribucha sem uma religião que a console e sem uma philosophia que a alente ».

Valha-nos, ao menos, a doce esperanza, que não nos foge, de vê-la retornar ainda ao rincão carinhoso e amigo, sem mais privar-nos de applaudir a excellente e inconfundivel artista do theatro nacional, tão deploravelmente descurado.

Um busto

Ha, entre nós, uma idéa que está a merecer o bom acolhimento de todas as classes sociaes.

Ampara-la, sem o traço sectarista de crenças religiosas, é o nosso intento; diffundi-la, sem a linha divisoria de credos politicos, é a nossa missão.

Feito isso, teremos frisado um honroso dever de cultura moral de que fôra Plutarcho precursor e exegeta, como o diz a sobriedade da phrase de um chronista idoneo.

Trata-se de erigir na antiga *Praça da Alegria* um pedestal de granito onde se eleve o busto, em bronze, desse padre modelar, que conduziu nos estos da vida o nome, quase apagado, de João Maria Calvante de Britto. (*)

Mãos dadivosas e amigas acabam de abrir, para isso, modesta subscrição regional.

Recusassemos nós contribuir para o esmaltar da idéa, já expendida, e ultrajariamos a brancura dos sentimentos de um levita do Bem.

Que, ao menos, embora tarde, mas conscientes e sensiveis, lhe paguemos em reconhecimento o que elle tanto nos deu em abnegações.

Deante das paredes glaciaes de tumulos esmaecidos é que melhor propicia o acaso aprendermos a lição proveitosa dos fortes e o exemplo lendario dos humildes.

(*) O busto do saudoso padre João Maria, a que nos referimos, graças aos esforços intelligentes do nosso joven patricio, já fallecido, Pedro Soares de Araujo Filho, filho desse incansavel servidor do Estado, que é o benemerito coronel Pedro Soares de Araujo e de sua dignissima consorte, exma. sra. d. Anna Senhorinha Soares de Araujo, foi inaugurado solemnemente á praça do mesmo nome, no dia 7 de agosto do corrente anno.

Se procuramos distinguir o heroísmo — busquemos Miguelinho; se queremos louvar a bravura — recordemos Ulysses Caldas; se desejamos applaudir a intrepidez — lembremos Severo; mas se resolvemos sagrar á piedade — evoquemos João Maria.

Não se escondem bonitos feitos.

Não se esquecem fecundos ensinamentos.

Honrando a memoria indelevel do clérigo patricio perpetuaremos, num gesto edificante e nobre, as tradições de um raro exemplo de virtudes raras.

Dizem uns que elle foi um retrahido.

Bemdito retrahimento que o poupára aos artificios da maldade e ás malhas da intriga.

Outros dizem que elle foi um tímido.

Abençoada timidez que o tornara esquivo ás artimanhas da mentira e ao corrosivo da calúnia.

Queremo-lo retrahido, como pareceu.

Queremo-lo tímido, como realmente foi.

Mesmo assim, jámais se recusára a transpor, em noites procellosas, longas estradas de albergues distantes, onde a miséria andasse a rondar a tortura dos leitos.

Ergamos esse pedestal.

Levantemos esse busto.

Nos crystaes do granito, nas linhas do bronze, diremos amanhã, na praça que lhe encima o nome, todo o nosso affecto, toda a nossa saudade, toda a nossa veneração.

Não é apenas um preito suave de solidariedade commum; é, mais ainda, um movimento consolador de dignidade humana, arranca-lo ao silencio e ao olvido da penumbra que o envolve.

João Maria, sendo hontem um ignorado, não deve ser hoje um esquecido.

Se a sua modestia fez um traço de sombra em sua vida, é natural que a nossa admiração faça uma estilha de luz em sua historia.

E a sua historia, a bem dizer, é a caricia do luar do um grande coração que todo se entregára, paciente e commiserado, ao serviço docemente affectivo da caridade christã.



Carta de Moça

.....
.....

E fui surprehende-la no silencio discreto de sua alcova azul, traçando minusculos e quase apagados caracteres.

Approximei-me, e pude ver, furtivamente, sem lhes penetrar o sentido, essas doces linhas, que agora sei impregnadas do suave perfume de uma interminavel saudade:

Minha querida Lucia:

Desde que nos separámos, naquella tarde de abril, tão cheia de nossa tristeza e de nossas lagrimas, é hoje a primeira vez que te escrevo.

Levo para a tua amizade mais uma prova do meu affecto.

Chegada, ha mezes, á terra nativa de meus paes, de onde sahira, como sabes, pela debilidade da saúde, e não obstante o teu grande silencio para commigo, nem por isso deixo de trazer-te no coração e nos labios.

No coração, onde sei docemente guardar a tua imagem, receiando que olhares de malicia e sorrisos de espinho, possam profanal-a; nos labios, onde teu nome é o gorgoeio de todos os meus dias, a canção de todas as minhas noites, o hymnario de todos os meus instantes.

Lucia!...

Como é para mim consolador balbuciar, commovedoramente, as syllabas do teu nome!...

Não te esqueci, não te esqueço, não te esquecerei.

Por Deus, o juro.

Si me não fôsse ventura viver de recordações,
já teria morrido dessa indefinida saudade que me faz
evocar estes versos amenos:

«A este suave soffrer, a esta amargura
Dôce, que aqui meu coração invade,
Longe de ti, purissima creatura,
Dá-se o bonito nome de saudade.

Anda brincando pelo espaço, lenta,
Sobre quem ama, como eu amo, desce,
E si o que é infinito cresce, aumenta,
Minha paixão, por ti, aumenta, cresce.

Mas se minh'alma encontra novo alento
Nesse esquisito e original quebranto,
Si eu não posso chamal-a soffrimento,
E ella é tão doce, por que amarga tanto?»

.....

Tenho-te ainda alçada á pureza de minha estima.

O teu perfil é a minha sombra.

A tua sombra, a minha luz.

Vejo-te em toda parte.

Em toda parte estás.

E tu, que dizes, formosa amiga?

-- Que te esqueceste de mim, não é verdade?

Ingrata!...

Perdôa si desse modo vou premer tua sensibilidade.

Mas eu, sem me participares, já te sei noiva.

E, quasi sempre, as noivas esquecem as amigas,
para só se lembrarem dos noivos...

Ha excepções.

Mesmo assim, não estou tranquilla.

Criminar-te?

Não.

O tempo é o velho artista que, com o pincel
dos annos, remodela os sentimentos e as coisas.

O dôce enlevo do sonho ha de passar.

Quando isso acontecer, tornarei á tua lembrança.

Serei, outra vez, dona dos teus carinhos e es-
crava dos teus desvelos.

Estou a escrever tolices.

Podes rallar commigo.

E' assim que a mamãe costuma fazer, quando quer corrigir a minha tagarelice.

Não imaginas, não podes imaginar como me surpreendeu saber que o Orlando se candidatara á tua mão.

Como a sorte é caprichosa?...

Como é caprichoso o destino!...

Não se apaga na terra o que, nem sempre, está escripto no ceu.

Nós, as mulheres, debeis como os lirios e volúveis como as creanças, attrahidas por uma miragem illusoria, deixamo-nos conduzir, ás vezes, sem saber para onde...

Será esse o teu caso?

Não sei.

Ha fortalezas irreductiveis, como ha enigmas indecifráveis.

Mas, minha bôa Lucia, quem pode lá resistir ao donaire, ao attractivo, á seducção de uma mulher superiormente bella e requintadamente espirituosa, como tu és? Quando ali conheci o Orlando, disseram-me ser jovial, mas tímido; communicativo, mas indifferente...

Esse traço revelador de sua physionomia moral foi-me debuxado pela Silvia, amiga inseparavel dos figurinos, dos romances e das flores.

Ella, coitada, tinha as suas razões, porque, dentro da garridice petulante de seus verdes annos, pleiteára, sem triumphar, o dominio do coração do teu eleito.

Mas, nem por isso lhe queiras mal.

Nem por isso deves ter ciumes da pobre Silvia que, num anceio de ave ferida, vive hoje, como não vivera hontem, afastada dos homens e descrente do amor.

Nesse recolhimento de contemplativa, ella maldirá da vida.

E como não?

Ha sempre phrases de amargura nos labios das infelizes...

Dou-te felicitações por teres divertido muito pelo carnaval.

A's alegrias de teu noivo uniste as tuas alegrias.
Muito bem.

Corçada de lírios e rosas, com elle brincaste,
com elle valsaste e, certamente, gostosamente, com
elle sonhaste...

Lembras-te das confidencias de nossa alma, na-
quellas noites estellarmente claras?

Lembras-te do meu Ramiro?...

Como tu, sonhára, um dia, com esse rapaz, le-
viano e ingrato, que foi, no meu primeiro e ultimo
romance de amor — a minha esperança e o meu des-
engano; a minha illusão e o meu desespero; a minha
ventura e o meu martyrio.

Com que magua o digo!...

Soube que te phantasiaste de *Borboleta*, no bai-
le realizado pelos *Foliões Modernos*.

Apezar das borboletas serem voluveis, levo as
minhas palmas á originalidade da lembrança.

Estou a ver-te alegre, risonha, catita, irrequieta,
vaporosa, de azas abertas, palpitante, voejando, toda
garridice, pelos salões cheios de luz, de musica, de flores,
de poesia, de olhares de mel e de sorrisos de velludo.

E elle, o teu Orlando, como se phantasiára elle?
Naturalmente, de Cupido, bem amado de Psyche, a
quem os gregos chamaram Eros, mas a quem, no es-
folhar de um delicioso sorriso, entre alegrias carna-
valescas, terás chamado — *meu doce amor*...

E' que tu conheces os segredos mais subtis da
arte de attrahir, de encantar, de seduzir...

Foi, sem duvida, tocado pela tua irresistive! gra-
ça de sonhadora joven, que elle — o timido e o indif-
ferente da desditosa Silvia — se deixou vencer pela
fascinação dos teus bonitos olhos de scismativa...

Adeus, minha querida Lucia.

Espero que a nossa estima não tenha a dura-
ção dos relampagos.

Beija-te com a palavra, já que te não pode bei-
lar com os labios, a tua de —

Sempre amiga,

DOLORES.

* *

Acabara de escrever.
Leu e releu a carta affectiva.
Um suspiro...
Um sorriso...
Uma lagrima...
Depois...
Depois... mais nada!...
Estavam impressas as recordações daquella noite em que nos vimos, pela ultima vez...



A ESMO

.....

Não sei como continuar palestrando.

Sinto-me indeciso, vacillante, perplexo...

As gambias chegam-me a tremer, numa agitação revolucionaria, como se eu fosse um recruta aldeão, colhido pelas surpresas de uma guerra interna, numa linha de fogo.

No entanto, os dias entramados de reacções partidarias, de conflictos politicos, de mashorcas inesperadas, que tanto abalaram a opinião nacional, vemo-los passados, graças á nossa bôa estrella.

E' verdade que, em diversos departamentos da politica brasileira, nesses primeiros mezes do bulhento anno de 1912, tivemos a lamentar mais consequencias funestas do que desastres na Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte.

Esses sanhosos acontecimentos, porém, tornaram-se pesados á consciencia do marechal como a estatua, em bronze, da anarchia, um dos symptomas principaes de degenerescencia social.

Hoje, felizmente, s. exc. está voltado á beatifica tranquillidade do seu presidencialismo.

Ostentando a elegancia dos bordados de sua farda, graças ao ceu, ainda virgem da profanação ruiva da polvora assassina, não mais permite ponta de espadas gloriosas, bocca de canhões destruidores, elementos de lucta e de triumpho», estrangularem a soberania popular.

Não!

Bem melhor avisado, o marechal relegou essa

culposa insensibilidade, essa atonia lastimavel a que se deixára condemnar em face da conquista bellicosa á posse governamental de alguns Estados.

Bilac escreveu, certa vez:

«A morte de uma nação faz-se pelo apodrecimento de sua lingua.

Um povo só se vê orphão de sua independencia, de sua dignidade, de sua existencia autonoma, perdido o amor ao idioma nacional».

Somos apontados como macaqueadores.

Não ha duvidar.

Em todo caso, empapados de egoismo e vaidade, mantemos ainda cordiaes relações com a lingua materna.

Nem por isso a autolatria patriotica deixa de rechassar nossa decantada autonomia.

O marechal, a seu turno, parecera não ter explosões de revolta com que rebater os assaltos imprevistos á integridade dos governos legalmente constituidos. Mas, vendo aligeirar-se fundo a ruina moral do regimen implantado ao fulgentear do sol de 15 de novembro, já se não conduz impassivel á sêde insaciavel do poder, vezes assaltado pela impunidade de iconoclastas politicos.

Triste, muito triste a situação demolidora em que nos deparámos.

Começava a enraizar-se nalma consternada da patria a idéa desse canibalismo dissolvente com que se pretendera a posse de unidades confederadas do paiz.

Felizmente, para honra de seu nome e orgulho de seu povo, alguns Estados tiveram a intrepidez herdada de manter resistencia aos golpes vermelhos de patriotas vulgares, aos quaes a psychologia ironica dos jornaes baratos chamára, por desafogo de consciencia — regeneradores da Republica.

GERMEN

*Versos de Othoniel Menezes - Atelier
Typ. M. Victorino Natal - Rio
Grande do Norte - 1918.*

Hoje, pela manhã, lembrei-me de passar em revista os bons e maus volumes que, a troco dos olhos da cara, consegui adquerir nas duas unicas livrarias da terra.

Todos elles, erectos e firmes, estavam galhardamente enfileirados no alto das divisões de minha estante modesta, desafiando-me o apetite á leitura de varios assumptos que intelligencias laboriosas e cultas teriam levado á concepção de interessantes originaes.

Já lidos uns, os mais vulgares, e relidos outros, os mais apreciaveis, deparou-se-me casualmente o *Germen*, que eu acolhera com sympathia e moedára com desvanecimento.

Bem me lembro ainda.

Foi pela manhã do ultimo domingo desse mez engalanado pela festa magna da confraternização universal.

Othoniel Menezes, envolvendo muita cordialidade em poucas palavras, pedira-me accitasse a posse de um exemplar desse livro de inexcédível harmonia, phrase polida desse polido lapidario da phrase, H. Castriciano.

Acolhi gostosamente a gentileza do poeta que ás mãos me deixou cahir o *Germen*, num dos seus peculiares gestos de estima affectuosa.

Despido de vaidade, como um simples, mas brã-

lhante de emoção, como um estheta, o bardo nativo falára-me, uma vez, da publicação, em breve, desse rutilante rimario.

E hoje, entre os seus adoráveis e minúsculos poemetos, a gente lê esse poemeto minúsculo e adorável do *Coqueiro*, evocando a longa e mansa agonia dessa palmeira antiga que ondeia, talvez, á visão crepuscular do gondoleiro errante, como a figura esquelada de uma sentinella enigmática, em guarda, montando guarda a um trecho risonhamente verde e cubiçado de uma praia rica e deserta.

Eu me agradeço em possuir um escriptorio poetico onde se engastam perolas deste valor:

Coqueiro

Coqueiro, esguio e triste, aqui vives sosinho,
curvo, ao peso da idade, o teu corpo cinzento...
Que dizes no ciciar das palmas? Que lamento
renovas, poeta antigo e pagão do caminho?

O incompreendido horror de tanto isolamento
punge o teu coração como um tenaz espinho...
O' coqueiro de ruina! E's o ultimo avôsinho
do coqueiral que o outomno arrebatou, no vento.

Não sei se tu'alma verde e vegetal padece...
ouço-lhe a voz maguada e tremula que desce
tonta de sons, cantando á paisagem louçã...

Sei que te amo e que tens, na cupola pendida,
a côr serena, a côr saudosa, a côr sentida
do pensativo olhar de minha linda irmã.

Bastaria este soneto, por si, só, isolado como a
linha sinuosa desse vegetal esguio, para assignalar um
poeta

De pé, no monte Nebo de meu Sonho.

Ao dobrar joelhos á impassibilidade do silencio
de um tumulto sagrado, que se fechára apagando, de-

lindo, talvez, a alegria esvoaçante de sua meninice, o paisagista do *Crepusculo*, que o sol —

... .. ourives magico,
tinge, doira e acairella, em purpura e laranja,

geme cantando e canta gemendo, os alexandrinos dolentes do —

Via-Crucis

Ha tanto tempo a Dôr, sem cessar, me devora á vida, e a essa amargura injusta me alcaceta!...
Dês que morreste, Mãe, que o meu peito de poeta é um soturno retiro, onde a saudade chora.

Desde que ao ceu volveste, Anjo da Guarda, a aurora de ventura e de amor e esperança dilecta, abysmou-se na treva; hoje, a traidora setta da duvida trespassa a alma ingenua de outr'ora.

Não maldigo, entretanto, a dôr profunda e grande... dentro de sua luz sagrada, o Pensamento á aspensão baptismal das lagrimas se expande.

Vou, com os pés a sangrar, meu Golgotha subindo, mas levo, á cruz pezada e ao fel do meu Tormento, — a alma, noiva do Sonho, e o coração florindo.

O vate, consternado, lavorando este soneto, illude ás crispações da propria dôr, ave tetrica de Rocanatti, que a philosophia romantica, á 1860, mas doentia, dos tristes, considera, no defluir dos seculos, dentre as verdades triumphantes, a mais triumphante verdade, a palpitar no seio do planeta que, nas paginas modelares do *Chanaan*, sente o desejo aereo dessa unidade absoluta, a que alludem *As modernas correntes estheticas da litteratura brasileira*.

*
* *

Um elegante espirito moderno já disse que — a poesia, synthese de todas as artes, como a define Saint-Pol-Roux, vive de um meio sonho vago, estabelecendo correlações intimas e mysteriosas affenidades

da religião com o amor, do amor com a família e da família com a pátria.

Mas, no Amor blinda o espirito e, sereno,
 acceptando, por vinho, o que é veneno,
 a tua sede, anciosa, enganarás...

E, embora triste e ainda incontentado,
 apprendendo a acceptar, has alcançado
 teus grandes sonhos de justiça e paz!...

* *

Innegavelmente, Othoniel Menezes, correndo dedos ás cordas feiticieras de sua lyra, não deixa de communicar á alma da gente todas as modalidades de seu sentimento, as sonoridades todas de seu estro. E, isso o faz, sem os artificios da mentira dobrada com que o pieguismo alambicado dos tropeiros baratos costuma enfeitar á farandula chlorotica de decasyllabos mellosos.

Sentindo e fazendo sentir, vibrando e fazendo vibrar.

... embora triste e ainda incontentado,»

o poeta deixa ver o espirito claramente, francamente, largamente aberto á pureza da essencia da arte requintada de Bilac que, a outros empolgando, empolgára um dia, na cinzelagem de seus cantos, ao cantor do

ICARO

Sinto que é uma ascensão para a Belleza
 a Arte, que minha mãe, a Natureza,
 me deu, na correntesa dos destinos...

E' por ella que, ao sol da mocidade,
 á orchastração fremente dos meus hymnos,
 — tento á escalada da Immortalidade.

* *

Nobre e suavissima tortura a dos que versejam

e não sabem, como Othoniel Menezes, suffocar á garganta deliciosas confissões, não desse «amor auto-engano», desse «amor suprema fraude», de que nos fala Frederico Nietzsche; mas desse outro amor inspirativo de versos doces e claros, do estalão desses —

Versos de Lydia

Chegas... e um sol que volta! Um novo sonho!
 Meu coração, um campo hontem deserto,
 E', agora, á luz do amor, verde e risonho,
 Gloriosamente, em flores, todo aberto.

Bem que minha alma me dizia: — «Ponho
 Viva esperança na saudade; e é certo
 Que has de, em breve, rever, poeta tristonho,
 Seu doce olhar tranquillo... Ella vem perto»!

Vieste, e ha um alvoroço pela esphera!
 Desabrocham visões de primavera,
 Vibra um surto de festa em cada palma...

Tudo renasce ao sol que trazes linda
 Andorinha esperada! Sê benvinda
 A' terra, aberta em flor, que tenho nalma.

Deante de Lydia, por quem sua emotiva saudade jamais se estiolara, o vate rio-grandense poderia dizer o que dissera Arjuna, internecidamente, á filha dos reis de Manipur, num dos trechos tecidos a fio de ouro e rosa, do poema *Chitra*, desse famoso poeta hindu, Rabindranath Tagore:

— Bem amada, contigo tenho tudo o que me falta na vida.

* * *

Onde quer que a arte se revele, sorrindo ou chorando, gemendo ou cantando, na polycromia enfiante de uma paisagem egypcia ou nas estrophes heraldicas de um poema grego; num pedaço de ceu salpicado de estrellas ou numa nesga de mar borbulhante de espumas, ha de sempre attrahir, ha de prender sempre pela coloração das imagens, flexibili-

dade das linhas, leveza da graça, nevrose da forma e, mais ainda, pelo relevo, limpidez e magnificência dos luars da concepção.

A musa dos poetas, como o cinzel dos estatuários, vive da carícia morna dessa luz opalescente, reveladora do matiz da arte — sempre nova — de sentir, conceber e produzir, pompeando o esplendor de sua eternidade, porque foi Deus quem a eternizou, criando a mulher

Dentro das festas da manhã, nascida
A' orquestração virgilica dos ramos.

Vendo, contemplando e admirando esse misto de Belleza e Graça peregrinas, a phantasia dithyrambica dos idealistas encontrou no perfil seductor da seductora filha de Eva a fonte Castalia da inspiração dos dedilhadores do plectro, que, no enlevo de funções estheticas, andam roçando as azas da chimera na inconsciencia de seu infugivel destino.

Querem, talvez, como Rufo rasgar, á ponta da espada, o florente caminho ao idyllio de um beijo...

E assim, bem assim, só assim, eiles mergulharão a alma vestida de esperanças, aureolada de illusões, na «impalpavel poeira de ouro dos sonhos intangiveis como o manto de Tanit», prelibando gosos ineffaveis de deuses, no Olympo.

Seja-me permittido fechar estas notas sobre o *Germen*, de Othoniel Menezes, alçando a refulgência das palavras que já irisaram a penna adamantina de Carlyle:

— Bem haja aquelle que trabalha cantando.
Bem haja!...

Um Benefício

Muito natural e muito justo o appello feito n'A Republica, por Ponciano Barbosa.

Lembra o mavioso poeta, na suavidade de sentimentos bons, o gesto altamente sympathico do *Gymnasio Dramatico* se levasse á Maria Epiphania e á Honoria Reis a dadiva confortante do auxilio de que andam a precisar as velhas e encostadas actrizes, para, assim, arrastarem as canseiras da vida que se lhes vae esboroando na dolencia commovedora de harpas gementes.

Dizendo, a seu modo, a meiguice dessa piedade que tanto sabe emanar das almas simples e honestas, Ponciano Barbosa vem animando o anseio contido em surdina por esse par de infelizes creaturas, em cujos corações a neve dos annos já sepultou os sonhos extasiantes do amor...

O *Gymnasio Dramatico*, certamente, não será infenso ás razões impressas pelo poeta em favor dessas *estrellas* apagadas, «como lampadas sem oleo,» mas ainda palpitantes de saudade dos rastilhos de sua luz inconstante e fugaz...

Suppor o contrario seria, talvez, afeiar sentimentos generosos.

Os moços amadores devem ter recebido, num enlevo de carinho, a idea do belletrista amigo.

E não é fora de proposito pleitear, a cavalheiro, o cantor scismatico do *Duvidas*, esse gesto realçante de belleza christã.

Agora mesmo, de quando em vez, se exhibem no palco natalense os melhores elementos scenicos do *Gymnasio Dramatico*, ao estalar das palmas da Platéa e ao conforto elogioso da imprensa.

E se, por um lado, elles se sentem contentes de sua intelligencia e orgulhosos de seu esforço, por outro lado, mais satisfeitos se nos revelam injectando no espirito moço de patricios nossos o desejo de trabalhar e produzir para o theatro, que «é, de todas as formas e processos d'arte, o que melhor satisfaz ás aspirações dos esthetas e ás exigencias dos moralistas».

Não fosse a existencia do *Gymnasio Dramatico* e, certo, não encontraríamos, entre algumas peças de feição regional os dramas — *Sonia*, *Além*, e as comédias *Esses Primos* e *O Motivo*, de Ivo Filho; *O Anti-Christo*, peça phantastica de Jorge Fernandes e Virgilio Trindade; *Já Teve*, revista de Felix Fidelis & C.^ª; *O Vinagre*, burleta de Joaquim Scipião; *Pelas Grades*, episodio tragico de Jorge Fernandes, e a revista de costumes locais, *O Papa Gerimú*, de minha humilde autoria.

Todos esses ensaios de litteratura dramatica ornaram o archivo, ainda não empoeirado, dessa sociedade.

Mas si Ponciano Barbosa não esconde o desprazer que lhe ensombra o espirito a sorte premente dessas doridas creaturas, devia forçar os seus receios, dar treguas á sua modestia, confiando ao *Gymnasio Dramatico*, para exito monetario em favor de Maria Epiphania e Honoria Reis, o drama *Perfeição*, de sua lavra, escripto, como sabemos, nos moldes do theatro novo, que é, como pretende um aureo chronista lusitano — o theatro da ternura, da delicadeza, da mocidade e da paixão.

Perdôe-nos o confrade illustre confiar á volubildade destas linhas o que nos dissera a bishbilhotice aldeã, numa dessas tardes estivaes, quando, braços em cruz, chapéu á mão e cabelleira ao vento, vimo-lo «palmilhando estradas longas», na quietude augusta de um contemplativo que buscasse, com os olhos d'alma, a torre eburnea do Sonho.

Ao menos deixamos ficar assim, ao lado de uma idéa util, uma lembrança amiga.



Um levita do bem

João Maria!

Não o esquecemos ainda.

Não o esqueceremos, jámais.

Conhecemo-lo de perfil.

Era um'alma de ouro, ao serviço de acrisoladas virtudes.

A proporção que os dias se passam, mais respeitosa cresce a nossa saudade, em torno á sua, para sempre, bendita memoria.

De clérigo piedoso e amigo, o seu vulto erecto, extático, contemplativo, transparece á visão consoladora de toda uma recordação indefinida.

Dentro de sua grande humildade, ignorado morreria, talvez, não fosse a serenidade desses bellos sentimentos misericordiosos estrellarem sua existencia trabalhada pelas torturas alheias.

Não lhe foi inatingivel o ideal que acariciara.

Onde o não chamavam os augustos misteres do sacerdocio, detinham-n'o a exiguidade mortificante do pão.

Consubstanciou assim, na magnificencia da piedade que o norteava, um dos mais doces attributos da moral christã.

Que foi a sua vida?

— Um compendio de abnegações.

Que foi a sua morte?

— O evangelho de um resignado.

Vi-o, por vezes, no afan compassivo dessa actividade mansa, pelas bençams do azul santificada.

A somma dos beneficios que, a mancheias, espargira sobre á face da terra onde carinhosamente o

acolhemos, deu-nos um dia a certeza de sua glorificação posthuma.

O padre não nos surpreendeu, batalhando pela crença que professava; mas pasmou-nos ao semear a caridade que mais o ennobrecera.

Na pratica dessa virtude, como haurindo sopros de vida nova, sentira-se alentado pelas maravilhas da religião que exercitava.

Não tive por elle o fanatismo dos allucinados; mas por elle senti a admiração que me sabem merecer os brancos de consciencia.

Beijei, por vezes, sua palavra tosca, modestissima, sem atavios de forma, mas bordada dos relevos da sinceridade que é, ou deve ser, o apanagio desses que, embaixadores do Christo, no dizer de S. Paulo, corporificam uma religião.

Sem as rutilações do sol que enche de luz o cerebro que pensa, possuia o encanto dessa pureza que forra de amor a alma que sonha.

Amanhã, mais tarde, talvez, quando seja possível parecer deslembado o pobre vigario de sapatos rotos e batina poida, irradiará, então, sua memoria, a palpitar na perpetuidade do bronze glorificador.

Notas de viagem

(DE MACAU A NATAL.)

O *Cururupú* levanta o ferro e vae preguiçosamente rasgando o seio do Piranhas.

Lanço os ultimos olhares para esta querida Macau que, momentos antes, minh'alma estreitara num abraço de despedida emotiva.

Esqueço, no meu isolamento, as *nuances* da paisagem marinha e, recostado á amurada, contemplo o luzido cortejo dos amigos, dos quaes ha pouco recebera o carinho confortante de u'a manifestação.

Envio-lhes, de bordo, o meu adeus agradecido.

Retribuem-m'ó.

Aceno-lhes com o chapéu.

Correspondem-me.

Braços erguidos, agitam lenços que lembram azas de garça ou velas pandas de jangadinhas, na travessia dos verdes mares, trazendo-me á imaginação este bellissimo poema de Guimarães Passos:

Teu lenço

Este teu lenço que possuo e aperto
De encontro ao peito, quando durmo, creio
Que hei de mandar-te, um dia, pois roubei-o
E foi meu crime, em breve, descoberto.

Lucto, porém, a procurar quem, certo,
Possa servir-me nisto de correio...
Tu nem sabes que grande é o meu receio,
Se em caminho te fosse o lenço aberto.

Porém, ó minha vivida chimera,
Fita as bandas que eu moro, fita e espera
Que, enfim, verás em tremulos adejos...

Em cada ponta um beija flor pegando,
Ir pelo espaço o lenço teu voando,
Pando, enfunado, concavo de beijos...

*
**

Rio a fóra.

Chegam-me ainda aos ouvidos, quase extinctas,
as harmonias da *Charanga Mucauense*, contrastando
com a minha saudade.

Declina a tarde.

«Lagrima de sangue do poente», o sol despe-
de-se do mar enviando-lhe carícias mornas.

Todo azul, na mudez dos contemplativos, o ceu
parece estampar-se no espelho das águas.

Vento largo.

O *Cururupú* acelera a marcha.

Impelle-o o movimentar das helices revoltadas
contra a furia das vagas.

E, distantes da terra que abraira para nós as por-
tas de ouro do coração amigo, aumenta a saudade
—dôce companheira dos visionarios do Sonho, dos
eternos beduinos da Ventura...

*
**

Ao abrir da noite...

Ha rutilação indecisa de estrellas que me fazem
evocar estas doiradas reliquias de Francisco Man-
gabeira, adoravel poeta bahiano:

«Por causa do marinheiro
Foi que Deus creou os soes,
E se tornou pharoleiro,
Enchendo o ceu de pharões.»

Alto mar.

O navio modifica a marcha.

Um moço de convez, *cavador* de gorgetas, an-
uncia que o *Cururupú* vae deitar ferro.

Effectivamente.

Distingue-nos a gentileza do commandante Melchisedeque, que nos traz seus cumprimentos.

Cessou o coaxar da machina.

*
* *

No Lamarão, vagas se arqueam, se levantam e se arrojam, violentas, sobre o dorso de ferro do navio acorrentado.

Alguns passageiros, amofinados pelo enjôo, recolhem-se aos beliches.

Outros reagem contra o mal, palestrando no tombadilho, á *son nise*, em suas *chaise-longues*.

Perto de mim está o sr. Boanerges.

E' um padre em projecto, mas de espirito já meio saturado de incenso e mirra dos altares.

O novo seminarista, com uns trechos de latim e alguns versiculos do Evangelho, rebate as doutrinas do espiritismo, com as quaes vem impregnando o ambiente um moço irrequieto e palrador.

Julgo bacharel, como toda gente, o antagonista do clérigo imberbe.

No entanto, trata-se, apenas, do propagador ardoroso do *Elixir de Mururé*, que, sem comprometter seu mandato commercial, aproveita as ferias da viagem para espargir ás idéas controvertidas de Allan Kardec.

Não ha duvida, o sr. Alvaro Silva é um interessante bohemio, que, a não existir, devia ser inventado...

*
* *

Sôam vinte horas.

A sineta de bordo convida-nos á mesa.

Ha uma exclamação de alegria.

Levantámo-nos todos.

Eis-nos em a sala das refeições.

Bebo constrangidamente uns goles mornos de café ordinario.

Volto ao tombadilho.

Faz frio...

Embrulho-me na minha capa de borracha.

Espreguiço-me numa cadeira de vime.
Volvo os olhos para o ceu.
Contemplo o scintillar das estrellas.
Admiro a palpação dessas reticencias de luz.
Dentro de minha phantasia de poeta, opera-se
o milagre das suaves evocações...

Scismo...

Passeiam-me á imaginação as paredes do meu
tugurio abandonado.

Penso naquelles elegantes saraus de fevereiro,
em que a mulher macauense, com a soberania de sua
graça, imprimira a nota *chic* no *carnet* das ruidosas
diversões carnavalescas, agradaveis ao espirito, mas
prejudiciaes ás algibeiras...

Como que ainda me sinto preso á convivencia
dos illustres confrades da *Folha Nova*.

Recordo a serenata maviosa com que, vespera
da partida, me despertara a alegria saltitante de ama-
veis rapazes, credores insolviveis de minha estima.

E, por fim, parece-me ouvir o Gil Avelino e o
Epiphanio Noronha dizerem balladas de amor, ao som
ameno dos violões gementes, com que o Constancio
de Souza e o Polycarpo Bezerra quebravam o silen-
cio dessa noite estrellada, suggestiva, mysteriosa...

Maguados pelo sentimento da saudade, como é
bom recordarmos os dias que se foram!...

Emcima, no convés, recrudesce a tagarelice, en-
tre os passageiros.

Ouço-os em silencio.

Fala-se em politica.

Surgem palpites sobre o ministerio.

Discute-se a possibilidade de um emprestimo
aventado pelo titular da pasta da Fazenda, com o
apoio immediato e forte do Presidente eleito.

Divergem as opinões.

O general Pinheiro Machado e o conselheiro
Ruy Barbosa constituem o alvo maior da conver-
sacão.

Renovam-se commentarios, em torno de velhas idéas.

Esfuziam pilherias.

Enflora-se-me aos labios pallido sorriso.

Consulto o relógio.

— Vinte e uma horas.

Emballado pela musica das vagas, adormeço.

Sonho...

Desperto e vejo, como o poeta, que—

«Vinha, ao longe, raiando a loira madrugada».

II

Gonçalves Maia, uma das mais brilhantes intellectualidades pernambucanas, tecendo carinhosamente as linhas preliminares do seu *Livro de Viagem*, interroga a nós outros, que pouco o lemos e muito o admiramos:

Quem sente mais? Os que vão ou os que ficam?

E, adiante, nesse adoravel capitulo que o belletrista patrio denominára *Alma dorida*, vamos encontrar essas joias inestimaveis que, de ha muito, guardamos na memoria:

« Dizem que as arvores sentem, como a gente, a dôr dos golpes impiedosos.

Ouvidos de poeta têm já decifrado a sua linguagem amorosa, nas horas tranquillias em que dormem todos os barulhos da vida.

Vem dessa sensibilidade intelligente a sua pena e a sua doença, quando as arrancam do solo amado.

Em outro terreno, serão ellas mais frondosas? Mais bellas? Florescerão? Darão fructos? Terão o carinho de novas sollicitudes, ou serão abandonadas, apedrejadas, mutilladas, infelizes?...

A duvida que persegue as arvores transplantadas de uns para os outros campos é a mesma que persegue os homens.

Certamente que tudo leva na alma uma esperança, estrella que não se apaga.

E' a mesma que eu carrego commigo, ha annos, desde que a vida se me tornou nessa folha solta cujo destino o poeta Arnaud descreve tão bem ».

E fechamos o parentese sem responder a pergunta:

— Quem sente mais? Os que vão ou os que ficam?

* * *

A caminho de Natal.

O navio surpreendera-me adormecido, ao romper novamente a sua marcha.

Agora invejo os que ainda ressonam.

Espreguiço-me...

Bocejo...

Sibila um vento impertinente.

Ouçõ cantar á surdina.

Quem será?

Aproximo-me.

E' um marinheiro. Em voz cavernosa e sentida, diz uns versos talhados á dolencia do mar, que me subsistem na memoria:

«Para adormecer no rio,
Junto aos pés de uma cidade,
Não foi feito o meu navio
Que zomba da tempestade...

Larga as ancoras, desferra,
Larga, larga! Deixa a terra,
Iça, alonga, sem parar...
Fóra sobros e cutellos!
A talhar nos andarells,
A ancora toda a beijar!

Deixa estas velas de prôa,
Gavea grande! Todo panno!...
Meu navio é uma corõa
Sobre a frente do oceano.

.....
.....
.....
.....

Venha o vento, ronque a morte,
Nada temo á minha sorte,
Nem te vou abandonar...
Embora cresça o perigo,
Não importa, irás commigo
Dormir no fundo do mar».

Ouvindo essa canção, recordo aquella noite de luz e rosas, de sorrisos de velludo e alegrias saltitantes, em que a mimosa Juracy Ramalho, no theatrinho *Juventude*, cantára com muita expressão e muita graça, essas mesmas estrophes portuguezas.

* * *

Estendo os olhos pela curva brumosa do horizonte.

O ceu como que se confunde, na delicia de um beijo de amor, com o glauco das aguas.

Vencendo algumas milhas, o *Cururupú* segue sempre, avança muito.

Eil-o a vomitar nuvens de fumo pelo cano obliquo que se nos afigura um grande charuto de aço preso aos labios massudos de um gigante de ferro.

Dormem ainda quase todos os passageiros.

Alguem chora!

Sem duvida, alguma creança.

Não me enganei: E' um *petiz* que se não conforma com a sua installação fluctuante e reclama gotas de leite, ás sollicitações do estomago.

Começa a descer um neblineiro impertinente.

Receioso de pilhar uma constipação, recolho-me ante-camara.

Surprehendo a dormir, na quietude de um bem-aventurado, o sr. Pereira de Sá, da casa J. Pessoa de Queiroz & C^a., praça do Recife.

E' meu conhecido.

A' sua gentileza devo os primeiros commodos, a bordo.

Fizemos relações, ha poucos dias.

Estimámo-nos na *Pensão Macau*, saboreando os pipipes com que amavelmente nos mimoseava d. Innocencia.

Adeante, mais outro cavalheiro.

Esse é magro como um palito e vermelho como um pimentão.

Sei, por informações, exercer o melhor de sua actividade no commercio ambulante.

Superficialmente o conheço.

Vi-o, algumas vezes, pelas ruas de Macau.

Cochicharam-me haver embarcado, como por sonho, deixando em terra o coração...

Escrich, uma vez, escreveu: As mulheres têm a propriedade de fazer dos homens heróis e patetas, mas quase sempre patetas...

Extranho vêr que se dorme nesse compartimento reservado á entabolação das palestras e ás esplanadas do fumo.

O aviso proibitivo ali está!...

Mas nem por isso deixo de me estirar num sofá que se acha em *disponibilidade* como o meu velho amigo Onofre Pinheiro.

Perto de mim, embrulhado no seu *chambre* de flanela escura, vejo o piano em que o Neco Alves correra vertiginosamente os dedos, quando ainda boiavamos á tona desse rio copioso e manso, eterno confidente de paixões românticas...

*
**

Eis-nos fazendo a travessia de praias verdejantes. Já transpuzemos Barreiras, passámos Gallinhos, defrontámos Jacaré.

Não encontrem os viciosos incorregíveis, na denominação desses logarejos, prejudiciaes palpites para o jogo do bicho.

Neste momento, se me não engano, vamos atravessando Caiçara.

Parece deslisamos sobre a faixa velludosa de um rio.

O mar é tranquillo. Mas, não obstante, alguns passageiros, encafuados nos beliches, continúam a fazer *discursos*...

E' uma tortura a viagem marítima para os que enjoam.

Que o diga o major Antonio Pinheiro...

Estou alerta.

Fugiu-me de todo o somno.

Trabalha-me o espirito a ancia incontida de ver decerrarem-se as palpebras do dia.

Penso na familia, que adiante me espera com o sorriso nos labios, e não deslembro os amigos, que atraz deixara com a saudade no coração.

*
* *

Ceu purissimo, formoso.

«Papoula rubra do firmamento», o sol parece emergir, tremulo de frio, do seio offegante das aguas. Manhã radiosa.

Volto á minha *cabine* onde deixara a roncar escandalosamente dois bons companheiros de viagem. Banho o rosto, aliso os cabellos.

«Envergo» *toilette* clara, leve.

Tenho commigo pequeno binoculo, para melhor apanhar o labyrintho das praias amigas, beijadas a cada instante pela renda travessa das espumas.

Quase todos os passageiros, recolhidos á sala dos retratos, esperam o termino desse *paulificante* serviço de baldeação.

Só assim contam respirar, com ampla liberdade, o ar oxigenado desta risonha manhã de março agonisante.

Vou ter com elles.

Sento-me.

Alguns patricios conversam, commentam, criticam.

Deparam-se-me o dr. Xavier Montenegro e os coroneis Xico Coelho e Faustino do Monte.

Este ultimo vemo-lo dentro de sua indefectivel *pijama*...

Mais ou menos afastados de outros palradores, esses cavalheiros falam sobre salinas, arrendamentos, suspensão de contractos, programma do novo governo, etc. etc.

Tem a palavra o coronel Faustino do Monte.

Industrial intelligente e pratico, o operoso capitalista mossoroense não esconde os receios da desvalorisação do commercio do sal, sem o amparo protector e forte do syndicalismo patricio.

Trocam-se apartes.

O velho moço, coronel Xico Coelho, aproveita o ensejo para fazer humorismo' e bordar ironia, por ser talvez, daquelles que, segundo o poeta academico—se comprazem em mofar da gravidade da vida, dando-lhe piparotes na caraça austera.

Rompem gargalhadas.

O dr. Montenegro, no entanto, mantendo a costumada circumspecção de Juiz criterioso e honesto, emite sua oppinião, expande suas idéas, sem outro interesse, a não ser o de ver prosperarem as rendas do Estado.

Bello gesto de patriotismo, realmente!...

Sôa a sineta.

Desço em companhia de outros amigos á sala das refeições.

Sirvo-me de uma chavena de café, morno e ordinario como o da vespera.

Transponho, depois, a escada.

Torno ao convés.

Terminára o banho matinal com que a hygiene de bordo costuma assear a carcassa dos navios.

Ponho-me a chupar philosophicamente um dos aromaticos cigarros *Patria*, que, ainda em Macau, me déra a gentileza captivante, mas reflectida e calma, do major Virgilio Pinheiro, da *Fabrica Progresso*.

Estendo os olhos pela costa.

—Onde estamos? Pergunto ao coronel Xico Coelho que, gostosamente, vae saboreando as paginas de bonito exemplar da *Bibliotheca Internacional de Obras Celebres*.

— Em Santa Maria; disse-me elle contemplando perto a terra de seu berço.

— Sempre que por aqui passo, continuei, me apraz assistir ao conflicto rebelde do mar ululante com a jangadinha tenue de humildes pescadores que andam *cavando* a vida...

— E muitas vezes, a morte; accrescentou, pigarreando, o coronel delegado, do Barro Preto.

Nessa occasião, o dr. Montenegro, de pé, no

tombadilho, assestava as vidraças claras de seu bino-
culo bisbilhoteiro, graphando nas retinas a photogra-
phia interessante daquella praia que a mão callosa do
homem prodigamente enfeitara de coqueiraes farfa-
lhantes.

— Foi ali, murmurou o bizarro escriptor das
Estalactites, onde, ao influxo salutar dos carinhos
maternaes, deslisaram os venturosos dias de minha
juventude.

Ainda me lembro, proseguiu elle, da infinda tris-
teza, da profunda saudade com que de lá me ausen-
tara para o inicio disciplinar dos meus estudos su-
periores.

Em compensação, porém, (falo aos meus ho-
tões) o dr. Montenegro é hoje magistrado, senhor de
algumas fazendas, proprietario de magnificas salinas
e dispõe, a seu talante, de luzidas patacas, por pre-
caução, muito bem aferrolhadas...

* *

Ondeia o vento.

Volto a occupar minha cadeira onde, ha pouco
tempo, se refestelara um moço que se deixou abater
pelo enjão.

Levo as mãos aos bolsos.

Encontro, casualmente, umas tiras dactilographa-
das em machina Remington.

E' uma saudação de despedidas.

Trabalhou-a meu presado amigo Eduardo Pa-
checo, para alvejar-me na manifestação de 29.

Não podendo recital-a, com ella presenteou-me
a bordo o joven sonhador, no momento em que eu,
de alma nos olhos, deixava essa hospitaleira Macau.

Leio-a de um folego e, no meu fôro intimo,
agradeço o gesto de bondade atavica do plumitivo
illustre, creador que se fizera, com Argemiro Prestes,
da revista *Fiat Lux*, de saudosa memoria.

* *

Vae alto o sol — bello apagador de estrellas, na
phrase cantante e moça de Humberto de Campos.

Contemplo as praias mansas que margeiam a costa.

Aqui o verde ondeante do coqueiral florido.

Ali, pequenas palhoças, modestas habitações de rudes homens do mar.

Acolá, a frota irrequieta das jangadas, na faina incontida da pesca.

E o *Cururupú*, no desequilíbrio habitual de ebrio fluctuante, mais e mais se distancia de Tres Irmãos, Reducto, S. José e outros pedaços queridos da costa povoada e rica.

Ao divisarmos Cajueiro, chega-se a mim o Xico Araujo.

Toda Macau o conhece: é o ex-vice presidente da Intendencia de Areia Branca, e ex-escrivão da Mesa de rendas estaduaes daquela villa.

— “Vê este logarejo que nos fica em frente?”
— interroga-me elle, estirando o indicador.

— Perfeitamente.

— Pois bem; ali, meu caro, proseguiu meu interlocutor, a preço de sangue, pagou, ha annos, a ousadia de seus amores faceis um ardente vassallo de Cupido.

— Deveras?

— Posso garantir. E, se quizer, accessentou o Xico, addicione essa façanha tragica ás suas *Notas de Viagem*.

Pobre deus do Amor! Vem de longe prostituírem a belleza moral dos teus sentimentos aquelles que, na ancia de desejos estuantes, não sabem resistir á palpação insolente da carne, aos instinctos impetuosos da volupia, ao fremito do goso, feito suprema delicia da vida...

*
*
*

Ouve-se, pela segunda vez, o tilintar da campã
Vamos ter á mesa do almoço.

Já lá está o commandante Melchisedeque, sempre amavel, attencioso sempre.

O major Antonio Pinheiro não comparece á chamada.

Segue-lhe o exemplo o coronel Tristão de Góes.

Ainda bem... São dois de menos á parcimonia dos guizados

O primeiro passeia no tombadilho o seu enjoo; o segundo, porém, deixa-se ficar no beliche, rodeando de carinhos a filha dilecta que se vae internar, em Natal, no Collegio das Dorotheás.

A refeição fazemol-a nós ouvindo esfusiantes pilherias do propagandista do *Elixir de Mururé*, e admirando a voracidade ignobil de certo commensal, ao devorar cebolas fritas em azeite rançoso.

* * *

No convés.

Estamos a ver Touros.

Informam-me ser um ponto excellente, como Maracajá, para o regalo tonificante, nas estações marinhas.

Volteio o meu binoculo.

Ao longe, convida-nos á meditação e á prece uma igrejinha solitaria e branca.

Meia hora depois, pesam-me as palpebras.

Commodamente, estirados em possantes espreguiçadeiras, resonam o coronel Xico Coelho, o coronel Faustino do Monte e o coronel Tristão de Góes.

Irrá! Com tantos officiaes superiores não seria difficil fomentar uma revolução, se não para derruir as instituições republicanas do paiz, ao menos para protestar contra a parcimonia absurda e a má qualidade dos manjares de bordo.

Adormeço.

* * *

Ao abrir do dia...

Despertámos todos.

Atraz ficára nova orla de praias amenas.

O dr. Montenegro, rodeado de pequenas auro-ras, de mimos infantis, tem para elles, a cada momento, sorrisos amenos, caricias de mel.

São os mimosos filhinhos que fazem festas de amor ao querido papae.

Corre celere o tempo.

E' outro o mar.

Passámos, agora mesmo, o *Cabo de S. Roque*, terror dos passageiros pusillanimes.

Vagas altaneiras, ondas acapelladas cortam a quilha esguia do *Cururupú*, que segue rumo certo.

De quando em vez, faz-se interrogação:

— A que horas chegaremos em Natal?

— Quantas milhas nos faltam?

— Seremos logo visitados pelo medico da saúde do porto?

— Desembarcaremos com chuva?

E os viajantes, a essas, deixam seguir novas perguntas, aneando galgar o porto desejado.

Isso é muito natural, ao esperarmos debellar o enjôo torturante que nos causam a oscillação do vapor.

*
**

Longe de nós, a cordilheira das ultimas praias arenosas montando guarda ao velho mar espumante e raivoso...

O navio acaba de sulcar as aguas singultosas de Muriú, Porto-mirim, Jacumã, Pirangy, Barra, Genipabú e Ridinha.

Fundeadado agora á pequena distancia da cidade, recebe a visita protocollar do Pratico que vae fazel-o romper o coração mysterioso e profundo desse grande rio que a musa evocadora de H. Castriciano festivamente cantára em estrophes epicas e arrebatadoras.

No alto da fortaleza dos Santos Reis Magos, drapejam bandeiras de cores berrantes, levando ao telegrapho optico da Sé a nova alviçareira da approximação do *Cururupú*.

Mergulhados no immenso tumulto verde, insondavel como todos os abysmos, lá estão o *Gran-Pará* e o *Una*.

A um perdera a imprestabilidade da machina; ao outro arruinára a negligencia do commandante.

E' o que me informam.

Fazendo curvas, delineando *zig-za-gues*, enfrentando as investidas do mar que se lhe arroja, n'uma furia leonina, ás paredes de ferro, o navio faz-nos ver, pouco a pouco, o bello panorama da risonha Natal.

*
*
*

Tarde magnifica.

Trapos de nuvens andam a mosquear a cupula azul do ceu.

Grupos de curiosos já se approximam do caes *Tavares de Lyra*.

Reclinados ás bordas do navio, saudamos a formosa cidade nortista.

E o *Cururupú*, ás 15 horas, joga o ferro nagua soluçante do *Potengy*, onde garbosamente se ostentam o *Ceará*, bonito paquete do Lloyd Brasileiro, o *Tymbira* e o *Tupy*, dois elegantes vasos de guerra da marinha nacional.

Os navios cumprimentam-se.

Sobem e descem bandeiras, emissarias silenciosas de protestos de estima.

O *Cururupú* apita.

Corro ao beliche.

Banho o rosto, friso o bigode e mudo de traje.

Providencio sobre o desembarque das malas.

Volto ao tombadilho.

Alguns passageiros, dentro de roupas bem talladas, *envergam* elegancia.

Em roda do vapor, fluctua pequena frota de embarcações miudas.

Os escaleres *Dois Irmãos*, *Porto Alegre*, *Santa Maria*, *Rio Branco*, *Ceará*, *Tupy*, *Flor do Rio*, *Santo Antonio*, e tantos outros, pleiteiam o transporte de passageiros, para a terra, e o frete da bagagem.

Catraeiros conhecidos offerecem-me serviços remunerados, gritando uma, duas, dez, vinte vezes, numa balburdia de todos os diabos:

— Patrão, diz um impando, aqui tem o *Fulou do Rio*, que é o bicho escalê.

— Seu majó, continia outro, dê este ganhosinho a nós, do *Ceará*.

— Vossa senhoria se alembre, insiste um terceiro, que o *Correio do Norte* corre nagua qui só peixe.

Seu doutou, vae ou num vae o *Rio Branco*, brabo, do Gongá?—interroga-me, por fim, mais um catraeiro.

Estabelece-se a compenfencia entre companheiros de officio.

Rio-me aturdido; por esse *fervet opus* prolongado por algum tempo.

Mas as pequenas embarcações permanecem distanciadas do vapor ancorado.

— Que ha? pergunta o coronel Tristão de Góes.

— Por quem se espera?—interroga o major Antonio Pinheiro, ao ver approximar-se um escaler em que o major João Sizenando lhe traz as boas vindas, na sua voz de baritono constipado.

— Desembarca-se ou não? — Fala o coronel Faustino do Monte.

— Teremos de fazer quarentena?—Intervem sorrindo, o coronel Xico Coelho.

E, só mais tarde, depois dos mil remoques de alguns viajantes, a Guarda-moria da Alfandega, o Amanuense da Policia e o medico do Porto, visitam o *Cururupú*.

Essa formalidade maritima está, felizmente, preenchida.

Catraeiros invadem o portoló do navio.

Ha uma confusão insuportavel.

Reina uma balburdia ensurdecadora.

Todos falam e ninguem se entende.

Que lufa-lufa, que zumzum, que anarchia!

Parece estarmos numa grande feira...

Minha bagagem é solicitada, a cada momento.

Meu nome pronunciado, a cada instante.

Não sei a quem attender nem para onde me virar.

Outros passageiros, como eu, se vêm atorduados pela insistencia cavilosa do *pessoal da arrelia*.

E' a conquista do frete para a percepção dos nickeis.

Cerro ouvidos ás labias dessa enxurrada de carregadores.

Offereço minhas malas aos cuidados de modestos tripulantes do *Santa Maria*.

Faço despedidas a bordo. E preso á bondade obsequiosa de amigos communs, deixo-me transportar no *Augusto Severo*, excellente escaler da Alfandega.

*
**

No caes *Tavares de Lyra* acolhem-me parentes e amigos.

Trocam-se cumprimentos.

Retribuem-se abraços.

Ahivem o *bond* que nos conduz á Cidade Alta, rasgando primeiramente uma linha recta á famosa avenida que lembra, junta ao caes, num gesto de merecida homenagem, o nome augusto de patricio illustre.

Minutos depois, saltámos todos nas proximidades da *Pharmacia Torres*, encravada ali na praça *Sete de Setembro*.

Do pardieiro que lhe fica em frente e onde funciona o governo do municipio, sahem nessa occasião, em promiscua camaradagem, os doutores Eloy de Souza, Sebastião Fernandes e Moysés Soares.

Os brilhantes jornalistas andam fazendo advocacia em torno das esqualidas figuras de Zetine e Brunard, indicados auciores do roubo sensacional da casa Julius von Sohsten.

Por um requinte de extrema gentileza, vêm ao meu encontro.

Saudamo-nos.

Abraçamo-nos.

Deixo-me seguir.

Busco o seio reconfortante da familia.

Esperam-me, em festa, os beijos innocentes de meu querido filho pequenino.

*
**

Eis-me restituído as caricias do lar.

Sinto-me alegre.

A alma, porém, tenho-a toda estrellada de recordações e de saudades...

.....

.....

Bôa e carinhosa Macau! Ficaste longe dos meus olhares travessos, mas perto, bem perto estás do meu coração, que te é, e te será sempre, docemente agradecido.



DISCURSO proferido deante do tumulo de Pedro Soares de Araujo Filho, em nome de seus collegas do Thesouro do Estado do Rio Grande do Norte.

Pedro Soares de Araujo Filho!...

Os sinos, em bronze, das torres vetustas, começavam a cantar as alegrias mysticas da igreja.

Orações piedosas e perfumes inebriantes enchem o seio transparente do templario onde labios virgens glorificavam a augusta soberana do ceu, que se fizera, na terra, poetisa augusta dos altares.

A noite, que, ainda longinqua, desceria a enxugar as lagrimas do dia, bordava, em segredo, pelos dedos prateados das estrellas, a mortalha do sol que, em syncopes de luz, volveria agonizante á camara ardente do Occaso.

Pois bem, Pedro, foi nessa hora de bemdito recolhimento da espiritualidade christã que conseguiste dormir as primeiras horas do grande somno annunciativo da immobilidade do corpo, quando o espirito tem feito, ás vezes, a travessia dolorosa pelas ruas da amargura.

E horas soaram, e manhãs alboreceram, e dias passaram sem mais poderes, num anceio incontido de passaro captivo, abrir para a luz, descerrar para a vida, esses teus olhos, meigos e tranquillos, que, uma vez apagados, apagaram tambem as alegrias de dois ternos corações que foram hontem o berço de tua infancia, para serem hoje o hostiario de teu nome.

Pedro, deante da morte ha lagrimas que rolam; deante das lagrimas ha tumulos que se abrem; deante dos tumulos ha preces que se balbuciam.

Que é a lagrima?

— Uma gotta de saudade.

Que é o tumulo?

— Um retalho de terra a conter a eternidade do silencio.

Que é a prece?

— Laço visível que prende o homem á crença e eleva a alma a Deus.

A morte produz a lagrima; a lagrima commove a prece; a prece santifica o tumulo. E o tumulo, na eloquencia de seus impenetraveis mysterios, estabelece, sem o rigorismo das leis nem o arbitrio das sentenças, o principio irrevogavel da egualdade humana.

O cahir das folhas do outomno de tua existencia bem o presentiste na revolta que o mal offerecera á sabedoria da sciencia que sonhara levantar o teu organismo dessa anasthesia violenta, irreparavel, consternadora.

Antes, porém, de penetrares nas noites do sofrimento, foste um modelo de vontade, uma força de querer, um exemplo de trabalho, collocando em marcha a idéa vencedora de perpetuarmos no coração da cidade o vulto suave desse pobre e humilde vigario de virtudes impolluiveis e impolluidas, que foi João Maria.

Morreste, Pedro, quando começaste a viver. E começaste a viver quando o teu cerebro percebeu os anhelos de teu coração; quando seguiste da infancia para a mocidade; da mocidade para a phantasia; da phantasia para o sonho; do sonho para o amor, e do amor para a familia.

E, foi bem por isso que, ao fechares as palpebras doridas, estampaste no crystal esmaiado das retinas a doce imagem da mulher amada que, tremula como Turenne, quase contigo avançara para a noite da morte - sombra errante da vida.

Trinta e seis annos desfeitos!...

Trinta e seis illusões fanadas!...

Trinta e seis esperanças perdidas merecem conduzir, nas flores violaceas desta singela corôa, um ramalhete de saudades, dos que te foram companheiros na vida, e um punhado de recordações dos que amigos te foram no seio do Thesouro do Estado do Rio Grande do Norte.

Amigo, que Deus te proteja.

Que Deus te salve, Pedro!...

*DISCURSO proferido no Natal-Club,
em a noite de 17 de maio de 1919,
por ocasião de ser ali homenageada
á Delegação do Sport-Club de Macau.*

Moços da terra mui querida dos tropeiros amigos; da mui querida terra dos sonhadores distantes, eu vos saúdo!

Antes de abirdes vossa alma ao festivo rumor das nossas alegrias, nós já teríamos descerrado as portas do coração para nelle engastar a guirlanda dos sentimentos cordiaes de vosso espirito.

Foi muito para nossa honra e, mais ainda, pela vossa homenagem, que a distincta mulher patricia, que as adoraveis senhorinhas natalenses, num requintado gesto de nobreza, num fidalgo movimento de hortistas, trouxeram para aqui o brilho suggestivo de seus olhos, a frescura das rosas de sua mocidade, a meiguice inquietante de seu sorriso e a graça perturbadora de sua belleza hellenica.

E é bem, senhoras minhas, dessa incontida alacridade de patativas gazis das madrugadas de ouro, na phrase do poeta: é bem, meus senhores, do perfume envolvente dessas risonhas primaveras, em flor, de que tanto e tanto precisam os que pelejam as boas pelejas da vida que palpita; do sonho que enleva; da luz que irradia e do amor que não morre, enquanto existir, senhoras minhas, enquanto pulsar, meus senhores, um coração de mulher, que muito soffra, por amar demais.

Vendo e abraçando virentes florões da mocidade macauense, pela minha visão de prisioneiro da saudade passa, cresce, aneia, avulta, e sorri a formosa paisagem verde-branco dessa bôa terra, dessa terra incomparavel, meus senhores, onde os peregrinos não sabem o que mais admirar — se a riqueza deslumbradora de suas maravilhosas salinas, se a bondade crescente, empolgante e bella de toda sua gente, de todo o seu povo.

Terra mui querida dos tropeiros amigos; mui

querida terra dos sonhadores distantes, eu vos saúdo!

Mas eu vos saúdo, em nome desta saudade que perfuma o ambiente moral de minha existencia de moço, se não pela idade que, sorrateiramente, já me vem nevando os cabellos, ao menos ainda pela alegria mansa de viver a vida das aves, que podem, ás vezes, enmudecer, sem jámais deixar de cantar.

Sim, meus jovens amigos; desde o dia em que aqui aportastes, desde o momento em que nos vimos aqui, como que floresceram todas as minhas illusões de outr'ora; como que resurgiram todos os meus sonhos de poeta; como que reviveram todas as minhas esperanças de um dia, alegremente, festivamente, tornar ao rincão dadivoso do Rio Grande do Norte, pequena patria bem maior, talvez, do que todas as grandes patrias.

E' que foi lá, vós bem o sabeis, foi lá, onde aspiraes a essencia de um doce idealismo, que quase se operou o suave milagre da resurreição cantante de minha mocidade.

Pois bem, moços da embaixada *sportiva*, que me ouvis; quando tornardes ao remanso carinhoso do lar ausente; quando volverdes ao seio consolador da familia longinqua; quando chegardes, finalmente, á terra mui querida dos troveiros amigos e dos sonhadores distantes, lembrai-vos, victoriosos da natação, que se essa Macau me não pertence pelo nascimento—é minha pelo coração, minha pelo affecto, minha pelo carinho, minha pela saudade que é o doce-amargo dos que pedem, como vós, para a misericordia da vida, a misericordia do amor...

E, restituidos ás bençams affectivas de vossos paes; restituidos aos sorrisos enlevantes de vossas noivas, podereis, então, dizer pelas cordas alviçarei-ras do meu rimario:

Voltei!... Torno a rever o ninho hospitaleiro,
Senhor de meu affecto e de minha amizade;
Pedaço de ouro e azul do rincão brasileiro,
De onde parti, gemendo o hymnario da Saudade.

Voltei!... Torno a rever a patria da bondade,
Que me fez do carinho, excelso, prisioneiro...
Aqui foi que eu cantei o sol da Liberdade,
Como cantara o poeta as glórias do guerreiro...

Voltei!... Torno a rever este sólo abençoado,
Este rio cantante, este ceu azulado,
Sentindo o palpitar da mocidade em flor...

Macau! Perto de ti, do teu seio bemdito,
Já não sou, como outr'ora, o lendario proscripto
— Do Sonho, da Illusão, da Esperança e do Amor!

FIM

Do mesmo auctor

A PUBLICAR

Peças de Theatro

— A FLOR DO BAILE—drama em 4 actos, representado no *Theatro Carlos Gomes*, pelo *Gymnasio Dramatico*.

— A MORTALHA DE ROSAS—episodio dramatico, em 1 acto, escripto sob a impressão de um conto de Julia Lopes, e representado no *Theatro Carlos Gomes* pela *Companhia Lucilia Peres e Leopoldo Fróes*.

— O HOMEM ESTATUA—drama em 3 actos, extrahido do romance do mesmo titulo e representado no *Theatro S. João*, da cidade do Assú, pelo *Recreio Juvenil Assuense*.

— O PAPA-GERIMU—revista em 3 actos, de costumes e critica locais, representada no *Theatro Carlos Gomes*, pelo *Gymnasio Dramatico*.

— A REPUBLICA DOS BICHOS—peça em 2 actos, de phantasia e critica.

— A TIA QUITERIA—comedia em 1 acto e, em versos, representada nesta Capital e na cidade de Macau, por um grupo de gentis senhoritas.

— OS CAJÚS DE PAPAE—dialogo infantil, em versos, representado na cidade de Macau, no *Theatro Juventude*.

DE COLLABORAÇÃO:

— CEU ABERTO—com Jorge Fernandes e Virgilio Trindade, revista phantastica, em 3 actos, representada no *Theatro Carlos Gomes*, pelo *Gymnasio Dramatico*.

EM PROSA E VERSOS:

— DA TRIBUNA—allocuções e palestras humoristicas.

— RIMARIO—versos de hontem e de hoje.

— FÓRA DO SERIO—rimas casquilhas.

PUBLICADO:

— BALÕES DE ENSAIO—artiguetes e chroniquetas.